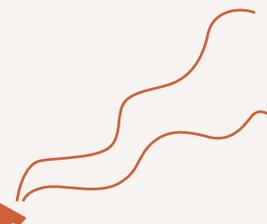


# A CASA DO JOÃO



NESTA EDIÇÃO:



BIBLIOTERAPIA

HISTÓRIAS

JOGOS

LIVROS

TEXTOS

06

JANEIRO 2019

REVISTA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL





#### FICHA TÉCNICA

**Diretor**

João Manuel Ribeiro

**Diretor-adjunto**

Andreia Abreu

**Chefe de Redação**

J. José Olim

**Design e Paginação**

Bolota / Patrícia Alves

**Colaboradores**

Carmen Zita Ferreira

Fedra Santos

Francisco Laranjeira

Lúcia Barros

Maria da Conceição Vicente

Paulo Freixinho

João Vaz de Carvalho

**Redação**

Lg. Eng. António de Almeida, 30

3.º andar – Sala DD3

4100-065 Porto

**Propriedade e Edição**

Tropelias & Companhia

Associação Cultural

Rua António Bessa Leite, 1516 C,

3.º Dto / 4150-074 Porto

Contribuinte 508828325

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17

Tiragem 1000 exemplares

Periodicidade Trimestral

**Impressão**

GVP - Gráfica Vilar do Pinheiro

Rua Castanhal, 2

4485-842 Vilar de Pinheiro

**Estatuto Editorial**

[www.acasadojoao.info](http://www.acasadojoao.info)



9 772184 123004 >

## 02 EDITORIAL

Pelo sonho é que vamos...

## 04 UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

## 06 GALERIA: QUEM É QUEM

Maria Rosa Colaço: Escritora,  
jornalista, pedagoga...

## 08 FOMOS VER

Entrevista a Sara Barão Nobre

## 14 UAU!

— A Nuvem vitória

— Plano Nacional de Cinema

— Educação Financeira

## 24 OS NOSSOS PARCEIROS

O Centro Unesco de Amarante

## 28 LEMOS, GOSTÁMOS E... RECOMENDAMOS!

## 30 APROVEITA E EXPLORA

Dicas de escrita

## 36 A PALAVRA É TUA

Pequenos grandes escritores

## 38 PARA BRINCALHARES

## 42 PARTICIPA NISTO

Passatempo

## 46 SAIU NA IMPRENSA

## 47 NOTÍCIAS

# A CASA DO JOÃO



## EDITORIAL

### *Pelo sonho é que vamos...*

QUERIDOS AMIGOS,

#### **1. O Peso dos sonhos**

Cinco números volvidos, chegou a hora de vos oferecer a Conta-Corrente de *A Casa do João*. Continuamos entusiasmados como na primeira hora. Dizer entusiasmados talvez seja pouco: estamos excitadíssimos com o rumo que o projeto tem tido. Primeiro, com a revista propriamente dita; segundo, com o site/blogue [www.acasadojoao.info](http://www.acasadojoao.info); depois, com a repercussão do projeto nas Redes Sociais, nomeadamente, no Facebook e no Instagram; e, finalmente, com *A Casa do João TV*. Estamos felizes com o impacto do projeto. É, como desejamos, uma casa verdadeiramente ampla e aberta.

Mas (há sempre um mas...), estamos com dificuldade em fazer chegar a revista aos cerca de 900 subscritores da revista em papel, sendo que os pedidos continuam a chegar diariamente. A revista (em papel) continua a ser gratuita, enquanto tal for possível. Subsiste, porém, o problema dos elevados custos de envio da revista para casa dos subscritores, custos que superam já os da produção e impressão da mesma. Cada envio tem o custo de 1.50€ por número (o que equivale a 6€ por ano ou a 4 números). Assim, o que vos pedimos, estimados leitores e amigos, é que contribuam com os referidos euros para os portes de envio. Podem fazer este contributo em <https://www.acasadojoao.info/subscricao> (por Paypal ou Cartão de Crédito ou débito).

Se até setembro de 2019, esta dificuldade não estiver superada, teremos de, lamentavelmente, deixar de imprimir a revista em papel, disponibilizando-a apenas digitalmente (*online* e em pdf).

## 2. A força das parcerias e da generosidade

Estamos cientes de que o problema pode ser resolvido de outra maneira: através de parcerias com outros projetos, nomeadamente com editoras, empresas de jogos didáticos, lojas de roupa infantil, empresas de entretenimento, colégios, fundações, ordens profissionais, associações de pais, de empresários, entre outras. Num mundo em rede, acreditamos que este pode ser um caminho possível.

Não haverá quem queira entrar nest’*A Casa do João*? Ser mecenas deste projeto? Fica o desafio...

Outra possibilidade será a do contributo livre, gentil e generoso, à moda de donativo. Muitos dos grandes projetos de leitura e de promoção da leitura, americanos (como o *Read Aloud*, por exemplo) e europeus (como a britânica *The Reading Agency* ou a *Scottish Book Trust*) são recetivos a donativos de pessoas individuais ou entidades culturais e empresariais.

Será que não quer contribuir para o crescimento de *A Casa do João*? Pode fazê-lo em <https://www.acasadojoao.info/subscricao>

## 3. Chegamos? Não chegamos? Pelo sonho é que vamos...

Apesar destas expectáveis dificuldades, continuamos a sonhar, nomeadamente com a participação alargada de todos os que quiserem entrar nesta casa. E participar é simples! Pode fazê-lo de várias maneiras:

- **Participando nos Convites/Desafios** que vamos lançando, como por exemplo, para *A Casa do João TV* o desafio «Diga-nos quais foram os livros da sua infância! Grave um vídeo breve (máximo 2,30 m) no/com o seu smartphone, envie-o para [acasadojoao2017@gmail.com](mailto:acasadojoao2017@gmail.com), nós (editamo-lo) e partilhamo-lo em *A Casa do João*!
- **Dando-nos a conhecer os projetos inovadores** que se desenvolvem na sua biblioteca (escolar, municipal ou outra). Escreva-nos ([acasadojoao2017@gmail.com](mailto:acasadojoao2017@gmail.com)) e apresente-nos o projeto e nós faremos a divulgação.
- **Enviando-nos os seus livros** (no caso de ser autor ou uma editora) e nós faremos a recensão; envie também os vídeos que entenda “caberem” na Sala de Estar da Casa.
- **Remetendo-nos Notícias dos eventos que promove ou apadrinha**, ligados à Literatura Infantil e Juvenil, à educação, à música e à cultura que estejam relacionados com a infância e adolescência.
- **Oferecendo-nos sugestões de temas** a abordar (já temos uns quantos em carteira).
- **Divulgando o site/blog da revista** nas suas redes sociais.

Numa palavra: *A Casa do João – Revista de Literatura Infantil e Juvenil* é sua – é nossa. Entre nela, habite-a, torne-a sua e de todos.



Um abraço grande,  
*João Manuel Ribeiro*

# UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

*Textos de Maria Rosa Colaço*

## PARA UM DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

As crianças são o Tempo a Haver.

Sua primeira presença no mundo é de grito e protesto. Mas, às vezes, adaptam-se e isso implica uma luta quase heroica e anónima que a maior parte ignora.

Alimentam os dias dos homens, mas elas próprias são o espelho da solidão.

Em seus olhos enormes e grandes, uma criança contempla o mundo e não o entende. Ouve palavras e as palavras são flechas que lhe perturbam o sonho em que se refugia para sobreviver.

Tudo nelas é inicial e puro: o riso e a violência, o sonho e as lágrimas.

Projetadas para o alto, são estrelas cadentes.

Voam de encontro ao sol e nele se confundem com as flores e o vento.

Sabem o sentido exato da fraternidade. E confiam. E esperam.

Olham para a terra e descobrem coisas ínfimas, pequenos milagres de harmonia e movimento.

Conhecem a dor e a alegria e refletem-nas, sem disfarces, nos gestos e nos olhos.

Não guardam o rancor nem sabem o significado dos termos mais dolorosos.

São assim. E sabemo-lo.

E, no entanto, aos poucos, vamos destruindo o que era inicial, puro e quase divino; vamos adaptando às nossas mentiras suas verdades implacáveis; acomodamos ao nosso egoísmo sua liberdade e seus pensamentos mais claros. A isso, quase sempre, chamamos educação.

Uma criança espera, no mundo.

E que o mundo lhe devolva a esperança para sempre.

Que os homens, por um segundo em cada dia, suspendam seus deveres mais urgentes e pensem na criança que espera.

E lhe garantam a Paz.

E lutem pelo seu bem-estar.

E se envergonhem de ainda haver, sobre a abundância desnecessária de tantos, a sombra de milhares de crianças que sucumbem de fome e doença sem um vislumbre de ternura ou solução.

Que nós nos envergonhemos.

E que a dor não seja, nunca mais, como a solidão, uma palavra nos seus dias.

Que a CRIANÇA sorria ao mundo.

Que o mundo lhe conserve o sorriso.

Hoje. E para sempre.

## NÃO QUERO SER GRANDE



As pessoas grandes cansam. Cansam muito. As pessoas grandes dizem mentiras, têm inveja umas das outras, não sabem chorar quando as coisas fazem pena, ensinam às crianças que os homens não choram e acham que isso é ser forte.

As pessoas grandes estão sempre a falar de dinheiro e de guerras, de mortos e de pancada. Outro dia, no jornal, vinha a dizer que uma mãe levou os filhos à Polícia e a Polícia bateu muito nos filhos e depois ela agradeceu porque com pancada é que se dá a educação. Outro dia, no jornal, também dizia que um rapaz matou a família toda porque o pai ia dar um carro ao irmão e não lhe dava nenhum a ele. São estas coisas que eu acho muito mal nas pessoas grandes, querem ter tudo, não se pode ser simpático para ninguém, ficam logo chateadas.

As pessoas grandes fazem-me muita confusão, por exemplo, o senhor Torres Couto, que dantes era o que falava pelos trabalhadores, agora o jornal dizia que ele vai casar e o casamento custa quatro mil contos. Eu acho que isso é muito dinheiro só para meter um anel no dedo da senhora e depois ainda se zangam como aconteceu com a minha vizinha Isménia e vai cada um para seu lado e aquele dinheiro todo, se calhar, até era melhor o senhor Torres Couto dar aos trabalhadores, para os trabalhadores comprarem os livros e os lápis e os cadernos e essa tralha toda que está na lista que a minha professora deu à minha mãe, até disse que acabávamos por só comer sopa até o meu pai receber outra vez. As pessoas grandes também aborrecem por causa do futebol. Há umas que estão todo o dia sem ver os filhos e quando chegam a casa comem o jantar e só quem pode falar à mesa é o senhor da televisão e mesmo que haja desenhos animados ou telenovela, nos dias de jogo, ligam só para o jogo e não querem saber do resto da família porque o meu pai é que é o chefe e quem manda é ele. Às vezes, está a ver o jogo na televisão e ainda põe o rádio no ouvido e o cão pode ladrar, a minha mãe chorar, as vizinhas baterem à porta, que ele não ouve nada. Eu ainda não percebi porque as pessoas grandes acham tanta graça ao futebol. Um bocadinho a jogar, tem graça, mas sempre, sempre, é outra chatice.

As pessoas grandes não sei para que é que cresceram: poluíram a Terra toda, inventaram bombas, fazem guerras em tudo quanto é lado, sabem que há crianças na Somália, em Moçambique e, bem vistas as coisas, até em Portugal, a morrer de fome, a viver sem casa ou em casas, barracas, com ratos e outros bichos, mas não se importam. Dizem logo que as veem: «Desliga aí a porcaria da televisão! É sempre à hora de comer que se hão de lembrar da porcaria dos pretos com fome, até uma pessoa fica sem apetite.»

Eu não acho que ser grande sirva para alguma coisa. A vida dos grandes é uma complicação, sempre a correr, sempre a contarem os minutos, sempre a dizerem amanhã é que te conto a história que te prometi, vai deitar-te que já é tarde e ainda tenho de ir passar a ferro e adiantar o almoço.

Eu, se pudesse, ficava sempre pequenino. Nem do berço eu devia ter saído. Ali, ao menos, mudam-nos a fralda, dão o leite, a gente chora um bocadinho e vem logo a família toda, como fazem ao Pedro.

Mas o que eu gostava mais do que tudo era de voltar para a barriga da minha mãe. Por isso, amanhã, que é o dia dos meus anos, vai ser outra chatice.

Haverá algum remédio para eu ficar sempre criança?

Essa é que era a prenda de anos melhor que eles me podiam dar.

Ficarei como eles quando for grande? Deus tenha pena de mim...

(*Não quero ser grande*, 1996)

# GALERIA: QUEM É QUEM?

*Maria Rosa Colaço (1935-2004):*

**Escritora, jornalista, pedagoga...**



MARIA ROSA PARREIRO COLAÇO (MRC) nasceu a 19 de setembro de 1935, em Torrão, Alcácer do Sal:

«Nasci no Alentejo. Numa terra que tem um rio pequenino salpicado de pedras, rãs e um moinho branco que trabalhava dia e noite para fazer farinha. Ao lado do rio há uma estrada estreitinha que atravessa a minha terra e se engorda, de repente, no largo onde passam todas as camionetas e todos os carros e pessoas que vão para outros lugares.» (*Maria tonta como eu*, 1983)

Fez o curso de enfermagem na Escola de Enfermagem do Instituto Português de Oncologia (então Instituto Rockfeller) e iniciou a sua atividade profissional como enfermeira.

Posteriormente, frequentou a Escola do Magistério de Évora e aos 20 anos tornou-se professora do ensino primário, primeiro em Moçambique, onde residiu durante um longo período, depois, já em Portugal, em Cacilhas e em Almada, onde passou a viver.

Pouco depois de iniciar a sua carreira, casou-se com o advogado António Lille Malaquias de Lemos (figura de referência no teatro universitário português, encenador de talento, fundador do Grupo Cénico da Faculdade de Direito de Lisboa, dos Jograis de Lisboa e dos Jograis de Hoje).

Para além de professora e pedagoga extraordinária que marcou gerações de alunos, foi jornalista, tendo colaborado com vários jornais e escrito crónicas sobre o quotidiano durante vinte anos para o diário de Lisboa *A Capital* e escreveu em jornais como *Planície de Moura*, *Diário do Alentejo*, *Diário do Sul*, *Diário de Notícias* e *Odemirense*. Foi ainda assessora da RTP durante 12 anos, e responsável por vários programas para crianças, como “Eu sou capaz” ou “Como é, como se faz, para que serve”.

Elaborou diversos textos para catálogos de exposições de artistas plásticos como Albino Moura, Roberto Chichorro e Louro Artur e do fotógrafo Eduardo Gageiro.

Mas foi como escritora que mais se destacou, deixando-nos uma obra repartida entre a literatura infantil, a ficção e o teatro.

Em 1958 escreveu a sua primeira obra para teatro *A Outra Margem*, que lhe valeu o Prémio Revelação de Teatro. O seu primeiro livro infantojuvenil foi *Espanta pardais* (1961), obra considerada por muitos como a maior obra infantil da literatura portuguesa do século XX, seguindo-se outros títulos, como: *A gaivota* (prémio Soeiro Pereira Gomes, em 1982), *Pássaro branco* (prémio Alice Gomes, em 1987), *O menino e a estrela*, *Aventuras de João-Flor e Ana-Amor*, *Aventuras com asas* ou *Maria tonta como eu*.

Nunca gostou de ser chamada de escritora de literatura infantil. Sempre disse que, quando escrevia, era para todos os leitores e defendeu durante toda a vida a importância da leitura no desenvolvimento e educação da criança.

A sua obra mais conhecida é *A criança e a vida* (1960), “esse milagre de pedagogia poética” nas palavras de Urbano Tavares Rodrigues, uma antologia de textos infantis e ilustrações que deu asas à capacidade de sonho e invenção das crianças de Cacilhas, antigas alunas de Maria Rosa Colaço.

Nas palavras da autora:

“A Criança e a Vida saiu primeiro em Moçambique. Tinha levado comigo para África as redações das crianças, como quem leva as cartas dos namorados. Um exemplar chegou ao diretor do ITAU que foi a Moçambique conhecer-me e propor a reedição em Portugal. Eram os anos 60, os estudantes acordavam definitivamente para as tarefas de luta. O pequeno livro, que cabia num bolso de casaco, entrou nas universidades como elemento quase mágico e começou a ser uma espécie de santo e senha entre os jovens. As crianças na sua voz lúcida e sem medo tinham escancarado as portas à denúncia dos podres e ao medo que corria noturno e atento. Apesar do burburinho, algumas pessoas duvidaram da autenticidade dos textos. Levaram os miúdos à televisão para ver se os apanhavam em falso”.

Ana Margarida Ramos (*in Casa da Leitura*) afirma que Maria Rosa Colaço «é uma figura marcante do universo de autores portugueses da segunda metade do século XX», sendo que «a partir da leitura dos seus textos, é possível perceber de forma muito clara e precisa a sua conceção de criança e de infância, a sua confiança inabalável nas suas competências e capacidades e a esperança ilimitada que deposita nas gerações mais jovens. Assim, os textos de Maria Rosa Colaço caracterizam-se pelo facto de serem protagonizados por crianças e cruzados pelo maravilhoso que, de alguma forma, parece tentar superar ou mitigar as carências (afetivas ou materiais) com que os seus heróis se debatem. De índole interventiva e também pedagógica, a obra de Maria Rosa Colaço apela a uma releitura que não esqueça o percurso da autora».

Faleceu no dia 13 de outubro de 2004 na sua terra natal, Torrão, onde existe uma rua com o seu nome.

Defensora da liberdade e de uma participação cívica ativa, era uma escritora com carácter forte, sempre atenta às modificações da sociedade. Através das suas principais obras, foi possível olhar para a realidade do país, porque nelas se retratava uma vida de que pouco se falava: da miséria, da fome, da morte, dos maus tratos, das barracas. Dar a palavras às crianças, há cinquenta anos, era uma atitude original, de afronta aos poderes.

Em 2006, foi-lhe atribuída a comenda da Ordem da Liberdade com Palma, por agraciamento póstumo, proposto pelo Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio.

Maria Rosa Colaço

#### Obras de Literatura Infantil e Juvenil de MRC

(1961): *O Espanta-pardais*, Lisboa, Sociedade de Expansão Cultural (a edição de 1981, da Plátano, em versão de texto dramático é ilustrada por Ana Maria Duarte de Almeida).

(1969) (org.): *A criança e a vida*, Lisboa, Edições ITAU (ilustrações das crianças).

(1982): *Sofia e o Caracol*, Lisboa, Plátano Editora (ilustração de Ana Maria Duarte d'Almeida).

(1983): *Maria-Tonta, como eu, s/ local*, Distri-Editora.

(1984): *Aventuras de João-Flor e Joana-Amor*, Plátano Editora, Lisboa (ilustração de Ana Duarte de Almeida).

(1987): *Pássaro Branco*, Círculo de Leitores/ Associação Portuguesa para a Educação pela Arte (ilustração de Ana Maria Duarte de Almeida).

(1989): *Aventura com asas*, Porto Editora, Porto (ilustração de Avelino Rocha) [reeditado em 2007, na mesma editora, com ilustrações de Ana Lúcia Pinto].

(1989): *Gaivota*, Lisboa, Caminho (ilustração de António Jorge Gonçalves).

(1989): *O Mistério da coisinha azul*, Plátano Editora, Lisboa (ilustração de Ana Duarte de Almeida).

(1990): *O Menino e a Estrela*, Livros Horizonte, Lisboa (ilustração de Concetta Scuderi).

(2003): *O Coração e o Livro*, Porto, Âmbar (ilustração de António Modesto).



A BIBLIOTERAPIA PODE DEFINIR-SE  
COMO UM MÉTODO DE APOIO AO  
DESENVOLVIMENTO PESSOAL E  
À RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS  
ATRAVÉS DA LEITURA.

FALAMOS COM...

## SANDRA BARÃO NOBRE

Nasceu em França, em 1972. Em 1980 volta para Portugal e vive em Portimão, no Algarve, até ao fim dos estudos secundários. Em 1995, licencia-se em Relações Internacionais, pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, da Universidade de Lisboa. Entretanto, trabalhou na Telecel, na Câmara de Comércio Uruguaio-Portuguesa (em Montevideo), na Fundação de Serralves e na livraria on-line WOOK. Nesse intervalo, teve uma leucemia, mas nunca deixou de ler e nem de viajar.

Em 2011, cria o *Acordofotografico.com*, em 2014 parte de mochila às costas para fazer uma volta ao mundo e, em 2016, torna-se biblioterapeuta e tem o site/blogue *abiblioterapeuta.com*

Desde então, vive de livros e de leitura que faz com (e recomenda a) todos!

**Há pregas no tempo que nos fazem pensar e a atuar antes que seja tarde demais. Foi isso que aconteceu contigo?**

Nós achamos sempre que vamos ter muito tempo, que a vida vai ser muito longa. Mas eu tive de lidar com a morte aos trinta e um anos, porque adoeci com uma Leucemia. Estive seis meses internada no hospital de S. João, no Porto. Fiz quimioterapia e um autotransplante de medula óssea. Quando somos novos e achamos que temos a vida toda pela frente e nos apercebemos que deixámos coisas para fazer mais tarde e que se calhar esse mais tarde não vai chegar... isso é transformador. É dos maiores abanões que podemos sofrer nos nossos alicerces. Achamos que temos a vida controlada, mas é uma ilusão.

Eu, com trinta e um anos, já tinha de certa forma a consciência de que nem estava a viver a minha verdade, nem a seguir o melhor caminho, sobretudo a nível profissional. Não era feliz no trabalho que tinha na altura. Ironicamente, quando adoeci tinha-me sido feita uma proposta para ir trabalhar para outro projeto dentro da mesma empresa. Era ouro sobre azul, porque consistia em trabalhar numa livraria virtual. O convite foi-me feito, porque a fama de leitora me perseguia: passava a vida a falar de livros, a recomendar livros, andava sempre com livros atrás e aproveitava a hora do almoço

para ler. Em parte, acho que adoeci porque antes desta oferta me ter sido feita, contrariei-me profundamente. Achava que não podia despedir-me de uma empresa estável, onde era razoavelmente bem paga, onde tinha algumas regalias. Enfim, foi um disparate! Mas a verdade é que nessa mesma empresa surgiu a oportunidade para ir trabalhar para um sítio onde eu sabia que ia ser muito feliz. Mas antes tive de me curar. Só comecei a trabalhar na livraria depois de ter saído do hospital e de ter terminado a minha baixa médica.

## Já tinha nascido o *Acordo Fotográfico* nessa altura?

Não, o *Acordo Fotográfico* nasce muito depois. Saio do hospital, volto ao trabalho e sou muito feliz a trabalhar na livraria entre 2004 e 2010, sensivelmente. Depois, houve uma série de aspetos que mudaram e eu não só deixei de aprender coisas novas, como se instalou uma rotina sufocante. A rotina é importante, tem um papel estruturante, mas quando deixo de aprender coisas novas parece que me falta o ar e definho. Por volta de 2010/2011, foi isso que aconteceu, deixei de aprender. Depois, muito honestamente, achei que não estava a ser valorizada e não tinha qualquer perspetiva de progressão na carreira.

## Sentias que tinhas capacidade para muito mais?

Sem dúvida. Quando saí do hospital prometi a mim mesma que a minha vida não voltaria a ser casa-trabalho-casa. Sabia que precisava de trabalhar para pagar as contas e concretizar alguns sonhos, mas decidi voltar a apostar na minha formação contínua. Era como se a minha vida começasse depois das 18h. Por volta de 2010, numa fase aguda de tédio profissional, estava a fazer um curso de fotografia. Foi nessa altura que fotografei, em Lisboa, uma senhora a ler. Nesse momento tive a ideia de fazer o *Acordo Fotográfico*, de fotografar leitores, conversar com eles e escrever sobre esses encontros num blogue. Mas entre a ideia e o concretizar da mesma passou-se mais de um ano. Só em dezembro de 2011 lancei o *Acordo Fotográfico*.

*Foi nessa altura que fotografei, em Lisboa, uma senhora a ler. Nesse momento tive a ideia de fazer o Acordo Fotográfico, de fotografar leitores, conversar com eles e escrever sobre esses encontros num blogue.*

**A partir do blogue, da concretização dessas fotografias com os leitores, começaste a expor, a fazer exposições com essas fotografias?**

Sim, exatamente, as primeiras propostas para expor chegaram muito rapidamente. No final 2012, expus em Guimarães, depois num espaço comercial no Porto e a partir daí comecei a tornar-me mais ambiciosa.

O projeto começou a gozar de alguma fama: o Pedro Rolo Duarte falou dele na *Antena 1*, a *Time Out Porto* entrevistou-me, umas semanas mais tarde foi a vez do Público, e eu comecei a querer mais para o *Acordo Fotográfico*. Em 2013, numa parceria com a Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto, fotografei durante dois meses utentes da Biblioteca a ler e essas imagens foram mais tarde expostas



nas instalações da Biblioteca. Entretanto, como as coisas não mudavam no trabalho e o marasmo estava instalado e *Acordo Fotográfico* estava sobretudo a dar-me um espaço de criatividade enorme, onde só eu decidia e executava.

**O facto de teres adoecido, esse despertar, tudo isso fez com que decidisses dar a volta ao mundo, não é verdade?**

Sim. Quando saí do hospital decidi não só que ia apostar na minha formação, como também ia ler ainda mais e viajar ainda mais. Portanto, entre 2004 e 2013 viajei imenso. E quando o *Acordo Fotográfico* passou a existir, passei a levá-lo comigo quando viajava: fotografei leitores na Alemanha, em Itália, na China, em Espanha. Até que em 2013, numa data que me diz muito, porque é o aniversário do meu autotransplante de medula óssea, eu estava muito desanimada com o trabalho. Era frequente chorar quando chegava a casa e não ter vontade de me levantar de manhã quando o despertador tocava. Tinha-me transformado numa pessoa que se queixava, o que contraria o meu registo normal que é de otimismo e alto astral.

## *Fotografei leitores na Alemanha, em Itália, na China, em Espanha.*

**Nesse dia estendeste o mapa à tua frente e determinaste os lugares que gostavas de visitar...?**

Sim, no dia 16 de abril de 2013 comecei a planear aquela que seria a futura volta ao mundo. Depois enchi-me de coragem e pedi a licença sem vencimento, o que foi como uma bomba que larguei no trabalho.... Parti em março de 2014.

**Tiveste apoio?**

Sim, tive apoio. O meu diretor foi impecável, torceu por mim e fez com que a licença me fosse concedida. Ele compreendeu os meus motivos. Só não estava à espera de que eu me despedisse quando voltei da viagem (risos).

Depois do regresso ainda trabalhei seis meses, mas já a procurar cenários alternativos, porque me bastaram duas semanas a picar o ponto e a ficar fechada num escritório para perceber que não dava mais para trabalhar naqueles moldes.

**E depois de teres passado por essa experiência de liberdade e criatividade, era quase impossível voltar para o mesmo sítio...?**

Foi quase como lutar contra um cancro, no sentido em que ninguém sai ileso nem de um cancro, nem de uma volta ao mundo. Se a Leucemia foi uma revolução, a volta ao mundo





foi outra revolução em cima da revolução que eu já tinha vivido. Acho que é impossível uma pessoa andar seis meses de mochila às costas, a viver com pouquíssimo, a desfrutar da boa vontade de tanta gente — eu viajei com pouquíssimo dinheiro, portanto, houve pessoas em todo mundo que me abriram as portas das suas casas sem me conhecerem de lado nenhum, para me dar guarida, para me lavar a roupa, para me dar de comer e para me mostrar as suas cidades — a enriquecer-se tanto e voltar, depois, ao trabalho sendo a mesma pessoa. Eu era outra. Embora não quisesse admiti-lo, parti sabendo que quando voltasse não iria aguentar muito tempo num trabalho onde já não era feliz. Não seria um passo atrás; seriam mil passos atrás. Fazer uma volta ao mundo e depois voltar ao passado, era impossível. Tinha de seguir em frente.

### **Essa tua paixão pelos livros, o prazer da leitura que sempre te acompanhou, fez com que realizasses uma formação de Biblioterapeuta...?**

Nunca tinha ouvido falar desta palavra até 2013. Lembro-me perfeitamente do dia em que estava a trabalhar e descobri um livro que se chamava “The Novel Cure” (um trocadilho em inglês, porque significa “a cura pela novela”, mas também “a nova cura”). Foi aí que eu vi pela primeira vez a palavra “Biblioterapia” escrita em inglês: *Bibliotherapy*.

Na altura fiquei fascinada, foi como se se tivesse aberto um caminho enorme à minha frente, mas como leitora havia muitos anos que procurava livros com um determinado objetivo. Eu já fazia terapia através dos livros que lia.

### **A palavra Biblioterapia foi como uma porta que se abriu?**

Exatamente! Foi a palavra que veio definir aquilo que eu já fazia para mim, já fazia para a minha família, já fazia para os meus amigos (porque havia muita gente que me vinha pedir recomendações de livros) e até fazia no meu trabalho, porque recomendava aos meus clientes os livros mais adequados aos seus perfis de leitores. Nesta fase, eu já estava a planear a volta ao mundo e a prioridade era essa viagem, esse sonho. Mas quando parti levei a Biblioterapia comigo e não apenas o *Acordo Fotográfico*. Já levava a Biblioterapia como uma hipótese para me reinventar profissionalmente. Sabendo eu que, muito provavelmente, voltava ao trabalho depois da viagem e não ia conseguir continuar a fazer o mesmo, a Biblioterapia sugeria um novo caminho. Resolvi, então, tirar um certificado internacional de *Coaching*, porque na altura não havia muita formação em Biblioterapia. Já trazia o método debaixo de olho havia muitos anos. Investi parte das minhas poupanças nessa certificação e exerço a Biblioterapia na ótica do *Coaching*, ou seja, trabalho com os meus clientes em função dos objetivos que definem e é através da leitura dos livros que eu recomendo que avançamos paulatinamente até os

atingir. Portanto, fiz essa certificação em 2015/2016 e também, em 2016, fiz o curso de Biblioterapia para Infância e Juventude, na Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto. Lancei os meus serviços de Biblioterapia em maio de 2016.

### Queres falar um pouco sobre esse projeto?

A Biblioterapeuta — que conta com um site, a [biblioterapeuta.com](http://biblioterapeuta.com), e tem uma página no Facebook — apresenta um conjunto de serviços multifacetados. A Biblioterapia pode definir-se como um método de apoio ao desenvolvimento pessoal e à resolução de problemas através da leitura. É um método muito versátil, extremamente criativo. Ao lançar os meus serviços, defini um conjunto de pacotes, como por exemplo: Biblioterapia de Desenvolvimento Pessoal, Biblioterapia para Casais ou Biblioterapia para Instituições/ Empresas em parceria com a *Mindshake*, uma empresa do Porto especializada em *design thinking* e pensamento criativo. Aconteceu, depois, que outras entidades vieram ao meu encontro para me desafiar a adaptar a Biblioterapia a outros contextos.

*Biblioterapia é um dos recursos ao nosso alcance para sermos mais felizes.*

### As pessoas veem na Biblioterapia a possibilidade de viverem mais saudáveis e mais felizes?

Sim, a Biblioterapia é um dos recursos ao nosso alcance para sermos mais felizes, contribuindo para uma melhoria do bem-estar físico, psicológico, intelectual e social. Quanto melhores pessoas nós formos, quanto mais nos autoconhecemos... A Biblioterapia é um benefício individual com impacto coletivo. É assim que me vejo no futuro, a trabalhar. Paralelamente, quero continuar a viajar e a escrever, embora a escrita esteja algo sacrificada em nome da atividade que me garante rendimentos e na qual aloco 90% do meu tempo. Tenho de trabalhar no que é rentável porque tenho de honrar compromissos assumidos e providir as minhas necessidades mais básicas.

Da experiência do *Acordo fotográfico* e da biblioterapia, nasceu, em 2017, o livro *Uma Volta ao Mundo com Leitores* (da editora Relógio D'Água), onde, na introdução, se cita Dominique Loreau: *É melhor ter desejos maravilhosos do que realidades medíocres.*

Entrevista conduzida por Sílvia Mota Lopes



FALAMOS COM...



UAU!

## PROJETOS COM ASAS

### Voluntariado + Cinema como Arte + Educação Financeira

Há projetos que, quando os conhecemos, reivindicam a nossa atenção e simpatia.

É, claramente, o caso dos projetos deste número da revista. São iniciativas que nos levam a dizer: UAU!

É o caso da **Associação Nuvem Vitória**, nascida em 2016, pela mão da jornalista Fernanda Freitas, com a missão principal contribuir para melhorar o sono das crianças, nomeadamente em hospitais ou outras instituições que por motivos de saúde ou outros, temporariamente, as retirem dos seus ambientes familiares, sem deixar de estimular o envolvimento dos progenitores, restantes familiares e cuidadores na área da leitura e da narração oral, em diferentes contextos.

Um projeto que ganha (e reparte) asas e son(h)os!

É o caso do **Plano Nacional de Cinema (PNC)**, apresentado por Elsa Mendes, comissária do mesmo, que nos revela que o objetivo principal do PNC é formar públicos escolares para o cinema, garantindo-lhes os instrumentos básicos de «leitura» e de compreensão de obras cinematográficas e audiovisuais, bem como despertar o prazer para o hábito de ver e valorizar o cinema enquanto arte, forma de conhecimento, expressão e comunicação estética.

Um projeto que dá asas a quem quer fazer e ver boas fitas!

É o caso dos **Cadernos de Educação Financeira (CEF)**, nascidos da necessidade de criar materiais de apoio para clarificar e facilitar a ação docente numa área que, até há bem pouco tempo, esteve ausente das preocupações pedagógicas, quer da tutela quer das famílias. Como refere Maria da Conceição Vicente (coautora dos CEF), estes Cadernos resultam de uma parceria entre o Ministério da Educação e os Supervisores Financeiros, alargada às Associações do setor financeiro, assumindo-se como um conjunto de materiais destinados a apoiar os professores no tratamento dos temas enumerados no Referencial da Educação Financeira (REF), documento oficial que enumera os objetivos e descritores de desempenho que devem ser considerados, de acordo com os ciclos de ensino.

Um projeto que nos ajuda a exercer melhor a cidadania.

UAU!



## NUVEM VITÓRIA: UMA NUVEM DE SON(H)O

A Associação **Nuvem Vitória** nasceu em 2016 e tem como missão principal contribuir para melhorar o sono das crianças, nomeadamente em hospitais ou outras instituições que por motivos de saúde ou outros, temporariamente, as retirem dos seus ambientes familiares.

Ciente da importância que o sono, adequado e de qualidade, tem para a vida das crianças, propõe-se desenvolver e promover materiais, ferramentas e competências que propiciem um ambiente favorável e equilibrado para uma noite de sono recuperador junto das crianças, hospitalizadas ou, atuando na sociedade civil em sentido mais lato e abrangente, das crianças em geral. A par deste objetivo amplo, pretende igualmente estimular o envolvimento dos progenitores, restantes familiares e cuidadores na área da leitura e da narração oral, em diferentes contextos, procurando elevar o nível de literacia das populações bem como estreitar os laços familiares e com os cuidadores em geral.

Quem dá a cara por este projeto é a jornalista **Fernanda Freitas**, que, em 1992, começou o seu percurso televisivo na RTP2, passando depois pelo Canal Noticias de Lisboa, Canal 21, SIC, regressando à RTP; colaborou e coordenou vários programas – “Causas comuns”, “Entre nós”, “Mais Europa” “Mudar de vida” e, durante 7 anos, coordenou e apresentou o programa diário “Sociedade Civil”, trabalhando diretamente com mais de 120 entidades da sociedade, vencendo 14 prémios e distinções.

Além da sua atividade de jornalista, Fernanda Freitas, integra o *Fórum da Educação para a Cidadania*; é membro fundadora do *Fórum dos direitos da criança e dos jovens*; membro fundadora da *Associação de Voluntários de Leitura*; fundadora do *Movimento Moda’R Mentalidades*: promoção da inclusão de pessoas deficientes através da moda.



É, ainda, *Embaixadora Nacional do Ano Europeu contra a Pobreza e Exclusão social; Presidente Nacional do Ano Europeu do Voluntariado; Embaixadora do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações; Embaixadora do Movimento Portugal Sou Eu;*

Voluntária em hospitais pediátricos. Mãe há 20 anos.

É cofundadora e presidente da **Associação Nuvem Vitória**.

Este percurso de vida fundamenta e justifica a fundação da Associação, como explica em testemunho, publicado no sítio da mesma:

*Quando, em 2011, presidi ao Ano Europeu do Voluntariado, consegui ter um retrato bastante fiel do que é a realidade do voluntariado no nosso País. Percebi sobretudo que são muitas as pessoas que, em Portugal, tomaram a decisão de, na vida, dedicar parte do seu tempo aos outros, sem esperar nada em troca, a não ser um sorriso- comecei a designar esta “recompensa” como o nosso “salário emocional”: aquele que não se deposita em nenhum outro banco que o dos afetos e da boa vontade. Nessa época, eu já era voluntária em ambiente hospitalar pediátrico, como contadora de histórias e, desde então que tinha vindo a tentar implementar um projeto em que as histórias junto de crianças internadas fizessem ainda mais sentido: à hora de deitar, promovendo uma boa preparação para uma noite de sono o mais tranquilo possível. Dormir é o melhor remédio. Agora, depois do projeto piloto, conseguimos perceber que uma criança internada que descansa durante a noite, responde melhor aos tratamentos. E está mais serena e mais feliz. E é nesta felicidade que assenta a Nuvem Vitória: queremos por*

*isso chegar a muitas crianças, um pouco por todo o País, com o seu apoio – e que desde já agradeço.*

### **Vitória, Vitória vamos contar uma história?**

Desde esse ano germinal (2011), algumas linhas-força foram ganhando consistência e dando corpo (invisível) ao projeto, como, por exemplo:

- No seu ADN estaria uma *Equipa de Voluntários* – com formação contínua por profissionais qualificados – que ajudariam na criação e implementação de rotinas na Pediatria, criando dinâmicas que visam a hora de desligar aparelhos eletrónicos, arrumar os brinquedos e preparar para dormir – retomando o hábito da leitura da história para adormecer, muitas vezes esquecido, sobretudo em ambiente hospitalar.
- Um Projeto com características únicas que enquadraria, pela 1ª vez em Portugal, o conceito de *voluntariado em ambiente hospitalar* e, simultaneamente, em período noturno (das 20.00 às 22.00).





Em 2016m, dá-se início ao Projeto Piloto, com uma periodicidade diária semanal (de 2ª a 6ª feira), com implementação em pisos selecionados no Serviço de Pediatria do Hospital de Santa Maria, em Lisboa (em colaboração direta com os profissionais de saúde, educadoras e auxiliares) com crianças dos 0 aos 18 anos, dos serviços de Hematologia, Neurologia, Metabólicas e Unidade Pluridisciplinar Assistencial.

Durante o Projeto Piloto foi decisão da Direção não fazer qualquer divulgação do mesmo (nem da Associação) de forma a validar o impacto e medir a pertinência da existência desta oferta de voluntariado.

Findo o Projeto Piloto e tendo em conta o feedback obtido por parte das crianças (o principal avaliador), famílias e toda a equipa de profissionais que, também de uma forma diárias, atuaram como Parceiros fundamentais no projeto, foi “oficializada” e criada a Associação Nuvem Vitória.

De então para cá, o projeto não tem deixado de crescer, em Lisboa e também no Porto, onde o projeto está a começar pela formação dos voluntários, porque “isto de ir ler ou contar histórias a crianças internadas não é fácil”, assegura Fernanda Serrano. “Há meninos que na primeira noite dizem que não querem ouvir, na segunda mostram resistência, mas na terceira já estão disponíveis. Também há outros que num segundo internamento ficam contentes porque os voluntários vão cruzar-se com eles. Tudo isto tranquiliza os pais.”

A Nuvem Vitória assegura que diariamente estejam voluntários à noite no hospital para ler ou contar histórias. Há dias que chegam a ser 30 as crianças que as ouvem. E não pode ser voluntário qualquer pessoa porque além da disponibilidade – que corresponde a duas a oito noites por mês –, é preciso saber como falar com uma criança a quem pode nem sequer apetecer ouvir falar porque está cheia de dores. Das 19h30 às 22h30, os voluntários percorrem as enfermarias para contarem histórias que se adequam a cada um dos doentes.

O projeto tem mostrado que a leitura tem o poder de deixar as crianças mais calmas e “mais receptivas ao tratamento” e também permite ajudar os progenitores. “Às vezes a situação hospitalar é mais dolorosa para os pais do que para as crianças”.

A Nuvem Vitória ajuda ainda a inculcar hábitos de leitura a pais e filhos que, depois da alta hospitalar, continuam a ler em casa. O projeto permite “ajudar na promoção da leitura e da literacia”, defende. No Santa Maria, as histórias são contadas às crianças e aos jovens até aos 18 anos., por cerca de 60 voluntários. No Porto está a criar-se um núcleo onde estejam disponíveis, pelo menos, três pessoas diariamente.

Em 2019, além do Porto, a Associação Nuvem Vitória prevê a expandir a sua presença para os hospitais de Alcoitão, Braga e Almada.

O presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, já se associou ao projeto, contando algumas histórias a crianças hospitalizadas.

Viva a Nuvem Vitória, porque ler (e ouvir ler) faz bem e dá saúde!

Bons sonhos!  
E Muitos parabéns!



UAU!

## VITÓRIA, VITÓRIA, VAMOS CONTAR A NOSSA HISTÓRIA!

### Missão da associação

- Organizar ações de voluntariado de leitura/narração oral;
- Sensibilizar a sociedade civil em geral, famílias e instituições em particular, para a importância do bom sono das crianças e, simultaneamente, para o valor social do voluntariado de leitura/narração;
- Produzir materiais e comercializá-los, no âmbito da sua missão;
- Estimular o intercâmbio de práticas, a investigação, a produção e divulgação de informação, no âmbito da leitura/narração oral e do sono;
- Colaborar com entidades públicas e privadas na promoção do bom sono e da leitura/narração oral;
- Proporcionar formação e apoio sustentado a profissionais, entidades e cidadãos no âmbito da sua missão;
- Cooperar e desenvolver ações conjuntas com associações similares, nacionais e internacionais.

### Quem quer ser Nuvem

Quem quer ser uma Nuvem, precisa de acreditar no “poder” que contar uma história tem para melhorar o final de dia de cada criança, chamado a noite para junto de si.

Precisa de tomar como elogio quem lhe diga “dás-me sono...ZZZZ”, ficando particularmente feliz quando faz alguém adormecer.

Precisa de se comprometer.

Precisa de saber que:

- Ser Voluntário, em ambiente hospitalar, exige que se conheçam e cumpram escrupulosamente uma série de regras de conduta por forma que não seja posta em causa nem nossa saúde, nem seja fragilizada a dos doentes.
- Na conduta específica dos voluntários do projeto “Nuvem Vitória” é determinante ter em conta que somos acolhidos por profissionais de saúde (sempre a prioridade), e desenvolvemos a nossa ação no período noturno, o que implica uma atitude muito mais delicada – de forma transversal.
- E precisa de respeitar a individualidade dos doentes, a privacidade da família e a autoridade dos profissionais de saúde que operam no hospital.
- Precisa de saber que uma Nuvem nunca está sozinha, opera em Equipa.
- Precisa de saber a importância que os pequenos grandes gestos têm.

### Para ser uma Nuvem

- Ter mais de 21 anos;
- Ser responsável, cumpridor(a) e pontual;
- Cumprir escrupulosamente o manual de conduta fornecido no momento em que integra a equipa de voluntariado;
- Estar disposto/a integrar o processo de pré-seleção e restantes formações a acontecer, nomeadamente aos fins-de-semana e período pós-laboral;
- Disponibilizar o registo criminal.
- É importante que conheça a LEI que enquadra o Regime de Voluntariado (clique para abrir documento)

### As Nuvens

Fomos poucos (no começo) ... somos mais (a cada dia que passa)... seremos muitos (se precisarem de nós), Nuvens que contam histórias para crianças, em ambiente hospitalar.

Mas a realidade Nuvem Vitória nasceu do sonho, vontade, empenho e, como tudo o que é novo... alguma teimosia e muita persistência dos seus Fundadores.

# UAU! 2

## O QUE É O PLANO NACIONAL DE CINEMA?

### O projeto e a sua missão

O **Plano Nacional de Cinema** (PNC) surgiu entre 2012-13 como um programa de divulgação cinematográfica junto do público escolar e é dinamizado pela *Direção-Geral da Educação* (DGE), pelo *Instituto do Cinema e do Audiovisual* (ICA) e pela *Cinemateca-Portuguesa-Museu do Cinema*. É um projeto que tem por objetivo principal formar públicos escolares para o cinema, garantindo-lhes os instrumentos básicos de «leitura» e de compreensão de obras cinematográficas e audiovisuais, bem como despertar o prazer para o hábito de ver e valorizar o cinema enquanto arte, forma de conhecimento, expressão e comunicação estética. Quando se perspetiva o direito ao desenvolvimento de competências técnicas e artísticas por parte dos alunos, o exercício crítico do direito à liberdade de expressão, o direito à informação, o desenvolvimento integral da pessoa e a qualidade da sua participação em atividades sociais e culturais, é natural que reforcemos as nossas convicções sobre a importância da presença do cinema em contextos educativos, até porque estas matérias se encontram preconizadas no Perfil dos Alunos à saída da Escolaridade Obrigatória.

### A importância de uma educação cinematográfica

O cinema deve ser visto pelas crianças e jovens, de forma a sensibilizá-las para esta forma de arte e comunicação. Trata-se de um desafio, porque acreditamos que se devem mostrar imagens com as quais as crianças estão menos familiarizadas e mostrar-lhes que o cinema não é apenas uma forma de entretenimento. O contacto com o cinema (com a sua História e com a sua prática artística) potencia os todos sentidos em relação ao mundo das imagens e dos sons, e, desde esse primeiro contacto, parece-nos importante que crianças e jovens experimentem e percebam que a arte do cinema incorpora métodos de criação próprios e possui uma linguagem específica que pode ser comentada, aprendida e praticada. A escola deve assumir progressivamente a



pertinência de uma educação cinematográfica junto das crianças e dos jovens. Neste campo há muito a fazer, mas o que é importante é que as comunidades educativas sejam confrontadas de forma continuada com o poder de intervenção da arte cinematográfica, porque ela nos questiona e instala nas nossas consciências e interações uma atitude permanente de reflexão estética e ética. Pensar o espaço da escola do futuro significa também reconfigurar esse espaço através da inclusão daquilo que poderíamos categorizar de «respiração estética dentro da instituição educativa», estimulando o encontro privilegiado com alteridade que a arte nos proporciona, e enriquecendo o sentido da participação democrática na vida cultural e comunitária com o tipo de experiências riquíssimas que resultam do contacto com a cultura do cinema.

### **Os filmes recomendados pelo PNC**

O PNC disponibiliza anualmente junto das escolas uma Lista Geral de Filmes, que é divulgada anualmente na página da DGE. Esta Lista funciona como um elemento de orientação junto das escolas que se inscrevem no projeto. Dos vários filmes que constam dessa Lista, largas dezenas possuem crianças e jovens como protagonistas, e são filmes que instauram, por assim dizer, uma pedagogia diretamente associada a um cinema que refletiu e reflete sobre a infância e juventude. Mais do que representá-las, o cinema inventa com elas formas de conhecer o mundo: somos, por momentos, levados a pensar como um pequeno transgressor como Carlitos ou uma pequena *femme fatale* como Teresinha (*Aniki-Bóbó*, de Manoel de Oliveira); somos arrebatados para a criação de alternativas infantis ao mundo através dos brinquedos construídos pelas crianças, em *Com Quase Nada* (Margarida Cardoso e Calos Barroco) e em *A Bola* (Orlando Mesquita); percebemos profundas diferenças de apropriação do mundo no olhar e mente de um Filipe (*Adeus, Pai*, de Luís Filipe Rocha) no de um Jaime (*Jaime*, António-Pedro Vasconcelos) e no de um Rafa (*Rafa*, de João Salaviza), todos eles jovens em transição para a adolescência. Neste sentido, as sugestões são muitas. Na verdade, o que valorizamos é perceber opções estéticas e pessoais de cineastas em função de contextos históricos e sociais diversificados que apresentam crianças ou jovens como protagonistas. Jovens (e professores) devem ter a possibilidade de perceber na prática até que ponto o cinema pensa o mundo de uma forma peculiar e instaura por si só uma mundividência diferente dos outros media.

UAU!



## Parcerias e sessões de cinema para escolas

O PNC também promove sessões de cinema gratuitas. Formar público para o cinema no contexto do PNC significa dar progressivamente condições para que os estudantes possam conhecer obras cinematográficas, nomeadamente as nacionais. Criado no âmbito do PNC, o dispositivo «O Cinema está à tua espera» consta de uma programação de cinema com sessões gratuitas em sala de cinema, em colaboração com Cineclubes, auditórios e outras salas de cinema, valorizando o lado singular do cinema enquanto experiência coletiva. A equipa definiu como prioritária a exibição pública de filmes portugueses e/ou coproduções em que Portugal participa, não excluindo, no entanto, a exibição de filmes internacionais, e estas sessões são uma das vertentes chave de implementação do PNC. Alguns anos de experiência foram suficientes para demonstrar a sua importância como elemento de motivação para as restantes atividades a desenvolver pelas escolas. Inicialmente tímidas na concretização deste desafio, muitas escolas envolvem-se entusiasticamente no processo, e proporcionam aos seus alunos várias idas ao cinema ao longo do ano letivo. Consideramos muito importante resgatar esta vertente sempre valorizada por cinéfilos, retomando uma componente de valorização de um imaginário coletivo, não obstante as mudanças que o avanço da técnica tem produzido na cinefilia, na cultura fílmica e no consumo do cinema, e não obstante consideramos que é bom acautelar novos paradigmas de cinefilia nas práticas implementadas no âmbito do PNC.

Em 2017-8, realizaram-se mais de 80 sessões de cinema para escolas, abrangendo praticamente todos os distritos do país e Regiões Autónomas da Madeira dos Açores. Face a esta evolução e ao aumento de interesse demonstrado pelas escolas, os desafios são muitos e é absolutamente fundamental dar continuidade a esta dinâmica nos próximos anos. O projeto dispõe de condições para ser desenvolvido e fortalecido através do reforço de articulação entre as três instituições envolvidas, o contacto direto com as escolas, com criadores, produtores e distribuidores, e através de mais reprodução e disponibilização de materiais e obras fílmicas. Encontrando-se o PNC «no terreno», reconhece-se que é desejável e é urgente reforçar as condições de implementação de experiências de educação cinematográfica, no currículo e/ou em diálogo permanente com o currículo, e a adesão crescente dos diferentes agrupamentos de escolas à implementação de projetos na área do cinema demonstra que estão a ser dados os primeiros passos de um longo caminho que deve continuar a ser desenvolvido nos próximos anos.

Elsa Mendes

Comissária Nacional do Plano Nacional de Cinema

UAU! 3



## CADERNOS de EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Os **Cadernos de Educação Financeira** (CEF) nasceram da necessidade de criar materiais de apoio que pudessem clarificar e facilitar a ação docente numa área que, até há bem pouco tempo, esteve ausente das preocupações pedagógicas, quer da tutela quer das famílias. Sentida a necessidade de considerar a educação financeira como área fundamental da formação cívica, foi a mesma integrada no currículo de todos os graus de ensino, do pré-escolar ao secundário –, fazendo parte dos conteúdos da Educação para a Cidadania. Os CEF surgem, então, de uma parceria entre o Ministério da Educação e os Supervisores Financeiros, alargada às Associações do setor financeiro, assumindo-se como um conjunto de materiais destinados a apoiar os professores no tratamento dos temas enumerados no Referencial da Educação Financeira (REF), documento oficial que enumera os objetivos e descritores de desempenho que devem ser considerados, de acordo com os ciclos de ensino.

Cada um dos CEF (1.º, 2.º e 3.º ciclos) está organizado em cinco temas-base dos quais decorrem vários subtemas, articulados em cadeia. Cada um destes subtemas constitui um elemento essencial para a consistência dos outros, funcionando, no seu conjunto, como alicerces de um comportamento financeiro saudável. Assim, aprende-se que não se pode fazer uma poupança consciente – e consistente –, se não se souber fazer orçamentos; por sua vez, para fazer orçamentos é necessário saber equilibrar despesas e rendimentos, mas, para gastar de maneira equilibrada, é preciso saber distinguir entre necessidades e desejos e, ainda, aprender a evitar as compras por impulso. E assim por diante...

### As histórias como ponto de partida

De cinco temas do REF decorrem os cinco módulos de cada um dos cadernos. Por sua vez, cada um dos módulos tem como ponto de partida uma história cujo modelo foi retirado dos dois livros da coleção Educação Financeira<sup>1</sup>, editados pela Trinta Por Uma Linha, que, ao mesmo tempo que foram incluídos



UAU!



no Plano Nacional de Leitura, estiveram na base do convite feito aos autores pelo Ministério da Educação para elaboração dos cadernos. É a partir destas cinco histórias que são explorados os conteúdos financeiros selecionados. Além disso, se o professor assim o entender, as mesmas histórias poderão funcionar como núcleo de projetos de interdisciplinaridade, de âmbito mais restrito a desenvolver na turma, ou de âmbito mais alargado a desenvolver na escola. O ambiente educativo no qual se desenvolvem as histórias foi selecionado de acordo com o nível etário dos destinatários: a família – filhos, pais, avós e um cachorro (1.º ciclo); a escola – elementos de um clube escolar orientado por um professor (2.º ciclo) ou no grupo de amigos, supervisionado pela família e por um professor (3.º ciclo). Os temas decorrem de situações comuns em torno do uso do dinheiro, por exemplo: a insistência das crianças na compra de determinados bens que os pais consideram supérfluos; a semanada gasta logo nos primeiros dias da semana e a consequente falta de dinheiro para as despesas que ela deveria cobrir; o diálogo acerca de determinadas compras ou despesas de âmbito familiar que implicam a colaboração de toda a família; a realização de projetos de férias sem necessidade de pedir dinheiro extra aos pais; e outras situações semelhantes.

### A estrutura de cada tema

Cada tema está organizado em três áreas de trabalho, sendo a primeira dedicada a atividades que levam à clarificação e ampliação de conceitos e à reflexão sobre os conteúdos financeiros que foram explorados na história inicial. No CEF 1 e no CEF 2, estas atividades são essencialmente de caráter lúdico (palavras cruzadas, pilhas de palavras, sopa de letras, etc.). De acordo com o nível etário dos destinatários, as áreas de trabalho seguintes integram, por exemplo:

- a exploração das potencialidades que a nossa língua oferece, recorrendo à decifração de enigmas, provérbios, expressões idiomáticas, adivinhas e tendo por objetivo, ao mesmo tempo que se explorem conceitos financeiros, reforçar e/ou alargar competências inerentes aos vários domínios de incidência do ensino/aprendizagem do Português. (A palavra certa põe-nos alerta! – CEF 1).

<sup>1</sup>Maria da Conceição Vicente, *História da Formiga e da Cigarra que não foi na cantiga*, Trinta Por Uma Linha, Porto, 2015  
Maria da Conceição Vicente, *Do querer ao ter há muita conta a fazer*, Trinta Por Uma Linha, Porto, 2015



- realização de miniprojectos, integrados num projeto global e mais amplo, que podem, ou não, implicar a turma ou a escola. Por exemplo: organizar um guião de entrevista sobre os hábitos de consumo dos alunos da escola, fazer a entrevista e divulgar resultados; calcular o orçamento para a visita de estudo; fazer um cartaz alertando para as vantagens da poupança, etc. (Clube O Tesouro em ação! – CEF 2).
- leitura e comentário de artigos de revistas e jornais (Recortes de imprensa – CEF 3).

Nos três cadernos, cada um dos módulos termina pelo registo orientado de uma síntese dos conhecimentos a reter. (*O saber não ocupa lugar!* – CEF 1; *Eureca!* – *jornal de parede*, onde sob os títulos de *Informações*, *Conselhos*, *Alerta!* e *A não esquecer* se registam conhecimentos e comportamentos financeiros recomendáveis; – CEF 2); *Bloco de notas* – CEF 3).



### A interdisciplinaridade

Em cada uma das secções descritas é possível encontrar propostas facilitadoras de interdisciplinaridade, se o professor assim o entender, ou pretenda integrar a educação financeira em projetos mais abrangentes. Português e Matemática são disciplinas cuja presença é essencial e constante, mas facilmente se integrarão outras áreas curriculares ou, até, as Atividades de Enriquecimento Curricular. Por exemplo, na secção *O Clube O Tesouro em ação!* (CEF 2), o grupo é convidado a agir, entregando-se a um pequeno projeto coletivo, parcela do projeto global e abrangente, que é a poupança coletiva para fazer face a uma viagem de estudo de final de ano. Será, então, desejável e pertinente aglutinar contributos de várias disciplinas do currículo, de acordo com as solicitações de cada um destes miniprojetos.

### As virtualidades de uma ferramenta deste tipo

Em síntese, os CEF além de proporcionarem a abertura a projetos multidisciplinares, apresentam materiais sempre disponíveis, facilitando a tarefa dos professores no cumprimento da transversalidade da educação financeira, e flexíveis, podendo facilmente ser adaptados ao perfil do aluno / turma. As histórias são divertidas, motivadoras de atividades de interação verbal, podendo contribuir para o desenvolvimento de competências no domínio da oralidade, da capacidade de reflexão e espírito crítico. Finalmente, nos CEF podem ser encontradas orientações muito concretas, que facilitam a integração das aprendizagens na “vida financeira” dos destinatários.

UAU!

Maria da Conceição Vicente

Coautora dos Cadernos de Educação Financeira 1, 2 e 3

# OS NOSSOS PARCEIROS

## *Centro* **UNESCO** *de Amarante*

O **Centro Cultural de Amarante** é uma Instituição com estatuto de utilidade pública desde 1990 e um **Centro UNESCO** desde 2017. “Entendemos que as Instituições perduram no tempo não por aquilo que fazem ou são no presente, mas por aquilo que projetam para o futuro. A aceitação de um fundo documental de importância comprovada é a garantia de permanência do nome do CCA para além do limite temporal de uma geração”, refere como nota introdutória Francisco Laranjeira, presidente do CCA - Centro Cultural de Amarante Maria Amélia Laranjeira.

- Considerando que a UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura recomenda o desenvolvimento de parcerias, a nível nacional, entre as Comissões Nacionais da UNESCO e as instituições do Estado e da sociedade civil que prosseguem objetivos coincidentes com as áreas do seu mandato;
- Considerando que o Centro Cultural de Amarante (CCA) tem por missão formar para a empatia, fomentar para a participação, capacitar para a valorização;
- Considerando que é também missão da UNESCO prestar um serviço educativo que promova o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade das crianças e jovens, contribuindo para a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos, solidários e que valorizem a dimensão humana do trabalho potenciando a sua integração plena na sociedade;
- Considerando que o CCA pretende a partilha de experiências, conhecimentos e melhores práticas, criar parcerias e iniciativas que associem os sectores público e privado e a sociedade civil e implementar políticas e medidas para o desenvolvimento urbano sustentável, bem como atividades de comunicação e sensibilização;
- Considerando o interesse de ambas as instituições no reforço do seu relacionamento,

A Comissão Nacional da Unesco e o Centro Cultural de Amarante (CCA) estabeleceram entre si o Protocolo de Criação de um Centro UNESCO, em agosto de 2017.

Centro Unesco de Amarante é parceiro d'A Casa do João “Não tivemos dúvidas em nos associarmos àquela que é a única revista de literatura infantojuvenil em Portugal”, Francisco Laranjeira, Presidente do CCA)

Mas o que é afinal um Centro UNESCO?

Um Centro UNESCO é uma democracia em miniatura, onde se aprende a trabalhar com os outros, a gerir um bem comum, a ser tolerante.

Promover a compreensão dos objetivos e ideais da UNESCO e trabalhar para a concretização do seu programa; contribuir para a compreensão internacional e o diálogo entre os povos; promover os direitos humanos; contribuir para a formação cívica dos cidadãos; constituir-se como prolongamento da ação das Comissões Nacionais; funcionar como escola de tolerância, são alguns dos objetivos.

Desempenham um importante papel de despertador de consciências, constituindo-se como verdadeiros prolongamentos da Comissão Nacional de quem são parceiros privilegiados.

Os Centros UNESCO são grupos de pessoas (associações sem fins lucrativos, ONG's, escolas, universidades, fundações, círculos culturais, sociais e administrativos da comunidade), de todas as idades, todos os horizontes, de todas as condições, que acreditam nos ideais da UNESCO e desejam apoiar a Organização na sua missão. Estas estruturas têm como objetivo promover



a UNESCO e os seus Programas, propagar os seus ideais através de atividades inspiradas nas atividades da Organização, contribuir para a formação cívica e democrática dos seus membros, apoiar os Direitos Humanos, favorecer a compreensão internacional e o diálogo entre os povos, difundir informação relativa à UNESCO junto do público, a nível local. Constituem-se como um prolongamento da ação das Comissões Nacionais da UNESCO. As suas funções podem resumir-se em três palavras: formação, informação e ação

- Formação dos seus membros, das comunidades locais e do público em geral, através das atividades desenvolvidas.
- Informação sobre as atividades, efemérides e projetos da UNESCO e demais organizações das Nações Unidas.
- Ação como resultado lógico da formação e informação, sob a forma de debates, conferências, seminários, jornadas, comemorações, organização de diversas atividades culturais, viagens, entre outras realizações.



## **Biblioteca do Centro Cultural de Amarante – Luís Abel Ferreira**

Inserida na Sociedade da Informação, vai nascer a Biblioteca do Centro Cultural de Amarante – Luís Abel Ferreira. Pretende, pois, contribuir para um maior conhecimento geral sobre livros, autores, bibliografias, acontecimentos culturais e realizações artísticas. Pretende ainda ser um espaço de comunicação e partilha de informação, que fomente práticas de literacia que, temos a certeza, contribuirão para incrementar valores de cidadania numa sociedade tão carente como a nossa.

O Sr. Luís Ferreira, cidadão amarantino, doou ao Centro Cultural de Amarante um fundo documental de elevado valor patrimonial e documental. Em Bibliotecas ou em Biblioteconomia, fundo documental refere-se a um conjunto de documentos, independente de sua forma ou suporte, organicamente produzido, acumulado e utilizado por um indivíduo, família ou entidade coletiva, no decurso das suas atividades e funções.

Os fundos documentais não se dividem, espartilham ou separam. Refletem o espírito de colecionador de um determinado sujeito, os seus interesses temáticos, as suas ambições em termos de conhecimento, a sua intenção de conhecer e compreender a realidade que o rodeia e a comunidade onde está inserido, local ou global.

Este fundo documental constituirá o fundo inicial que justificará a implementação de uma Biblioteca no CCA, que permita aos seus alunos, professores, encarregados de educação e sócios o acesso à informação e ao conhecimento.

A Biblioteca do Centro Cultural de Amarante Luís Abel Ferreira reforçará o espírito eclético da Instituição, ao mesmo tempo que aumenta o seu prestígio junto da comunidade amarantina, justificando, por fim, a matriz cultural que está na génese da fundação do CCA.

A constituição da Biblioteca no CCA permitirá virar a instituição para o exterior, torná-la mais reconhecível na comunidade, patrocinando uma aproximação a públicos estranhos à vida da associação, ao mesmo tempo que se aumenta o potencial de recrutamento de novos sócios.

# LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



## AVENTURA NO ABECEDÁRIO

O abecedário é uma fonte inesgotável de criatividade. Neste *Aventura no abecedário*, de Palmira Martins (Editora Educação Nacional, 2016), o alfabeto é um caldeirão mágico, em que as letras se juntam e formam palavras. São múltiplos e variados os temas apresentados nos poemas do livro, com especial incidência para os animais, como o “Burro Bonifácio”, o “Elefante Enamorado”, a “Girafa”, a “Hiena”, o “Jacarezinho”, a “Onça-Pintada”, o “Rino, o rinoceronte”, os “Ursos”, a par de algumas profissões, como os acrobatas, trapezistas, palhaços, malabaristas de o “Circo”, a dançarina, a “Karateca amuada”, a “Motociclista descuidada”, o “Quim Pescador”, o “Valério viajante”.

Acresce a particularidade do destaque (da cor) emprestado às palavras começadas com a letra do alfabeto respetiva, e da presença da mesma na ilustração, o que, parece-nos, quebra alguma possível monotonia gráfica ou a falta de respiração do texto face à ilustração (como, por exemplo, no poema “Quim pescador”).

As ilustrações de Elsa Fernandes complementam (e, uma ou outra vez, acrescentam) magnificamente o cunho humorístico da maioria dos poemas, mesmo naqueles em que os adjetivos nos conduziram a um ambiente triste ou melancólico, como, por exemplo, em “Sara assustada”, ou “Zélia Zangada”. Um livro para quem quer / tem / precisa de fazer conhecer o abecedário.

Palmira Martins & Elsa Fernandes (2016). *Aventura no abecedário*. Vila Nova de Gaia: Editora Educação Nacional.



## O PRIMEIRO DIA DA PEQUENA CORUJA

Este livro conta o primeiro dia de escola de uma Pequena Coruja, desde o acordar ao deitar. A princípio, diante do anúncio maternal de que “hoje é um grande dia», a resposta é repetida e justificada: “Eu não gosto de grandes dias. Eu quero um dia pequeno”. À

Professora Branquinha, que propõe a construção de um foguetão, a realização de um desenho, a utilização dos instrumentos musicais, a edificação de um castelo de areia, uma brincadeira com água, o lanche, a prática de voo e a leitura de uma história, a Pequena Coruja responde “não, obrigado”.

Eis uma história sobre a realidade do primeiro dia de escola (Jardim de Infância incluído) de muitas crianças. O texto, ritmado, aposta no diálogo como estrutura narrativa capaz de captar a atenção dos pequenos leitores, constituindo um ótimo recurso ao leitor/contador, que pode mostrar as ilustrações (muito) figurativas enquanto lê ou conta a história. As ilustrações, nomeadamente a sua sequência, parecem sugerir um ritmo em perfeita simbiose, na alternância entre página inteira ilustrada com cor e ilustrações sobre fundo branco, entrecortadas pelas três fortes duplas páginas que concretizam os desejos da Pequena Coruja com a Mamã e a Coruja Bebé. Algumas variações no grafismo (lettering) emprestam ao livro uma vivacidade e dinâmica significativas!

Debi Gliori & Alison Brown (2018). *O primeiro dia da Pequena Coruja*. Lisboa: Minutos de Leitura.



## OCTOCUECAS

Antes de mais, importa referir que polvo (do latim Octopus) é o nome vulgar dos moluscos, desprovidos de concha e possuidores de oito braços fortes (embora o prefixo latino “pus” signifique pés) e com ventosas dispostos à volta da boca.

Não é, por isso, de estranhar que o texto (em versos rimados) comece com o polvo a apresentar-se: «Olá! Eu sou um polvo. Mas há algo que deves saber... Não tenho cuecas vestidas.» E porque o polvo quer ser como todos, tenta comprar umas cuecas, confrontando-se com o problema das seis pernas a mais, procurando na cidade, usando a internet e até “molhando” o cartão de crédito, mas sem sucesso. Até ao dia em que encontrou um sábio Cavalo-marinho, que mostra como há roupas para todos e de todos os feitios, mas cuecas para o polvo não e por uma simples razão: «Mas, com todo o respeito: talvez não precise delas, mas de outra coisa...». E o polvo compreendeu: «O problema estava todo trocado: as minhas pernas, agora percebi, não eram pernas, eram BRAÇOS! E sempre foram, desde o dia em que nasci!»

As ilustrações de Claire Powell emprestam ao texto, além da plasticidade visual, uma estonteante ironia, patente em páginas como a da procura na Internet, a dos animais marinhos vestidos de cuecas, a da loja (intitulada “Empório Aquamani”), a das cuecas em cada um dos braços/ pernas do polvo e a página final com o polvo vestido com uma colorida camisola branca e vermelha, rodeado de animais marinhos com cuecas, entre outros detalhes significativos.

Suzy Senior & Claire Powell (2018). *Octocuecas*. Lisboa: Minutos e Leitura.



## A NUVEM

Não sendo, formalmente, um poema, este *A Nuvem* transpira poesia. Desde logo, porque o texto e a trama que o constitui é de uma lisura surpreendente: «Certa vez, deixou de fazer vento e uma nuvem instalou-se no céu, mesmo por cima de uma estrada», sendo que a nuvem acompanhava a própria estrada e que, a princípio, ninguém notava, à exceção dos meninos sentados no banco de trás. Depois, espantaram-se os meteorologistas, as autoridades inspecionaram, apareceram as televisões e os especialistas, todos falavam do assunto, acabando por fechar-se a estrada. Até que um dia, levantou-se o vento e a nuvem desfez-se. «Todos os que se tinham sobressaltado com o prodígio tiveram de se desadmirar, desindignar, desamedrontar ou desempregar, e aceitar a realidade.»

A conclusão do texto, que encerra o livro – «Às vezes, uma nuvem é só uma nuvem.» –, é lapidar e insinua uma multiplicidade de mensagens subliminares, podendo conjeturar-se uma crítica ao tempo e modo mediático da vida moderna, à velocidade, multiplicidade e arbitrariedade das opiniões contraditórias pseudocientíficas; à volatilidade das decisões políticas, entre outras...

As ilustrações de João Fazenda, no seu estilo peculiar, oferecendo ao livro um ritmo em harmonia e simbiose com o texto. De assinalar são as duplas páginas (quase) sem texto que oferecem ao olhar do leitor mais atento ou perspicaz uma pluralidade de significados que, apesar do texto, vão além dele e o enriquecem

Um livro exigente para leitores inteligentes (as crianças...)!

Rita Canas Mendes & João Fazenda (2018). *A Nuvem*. Lisboa: Pato Lógico.



## POEMAS PARA AS QUATRO ESTAÇÕES

Poemas para As Quatro Estações é uma coletânea de textos poéticos, repartidos, como sugere o título, pelas quatro estações do ano: sete sobre a primavera, seis sobre o verão, cinco sobre o outono e seis sobre o inverno. Em bom rigor, só os poemas iniciais de cada ciclo são sobre a estação respetiva, divergindo os seguintes para motivos que lhe são associados, como os frutos e as árvores, os animais, as atividades específicas de cada uma e até as festividades.

A linguagem, apesar da aparente simplicidade, é cuidada, sendo evidente um apurado trabalho do código fónico-rítmico (a rima e o ritmo, a musicalidade e a cadência são evidentes) e métrico (que oferecendo um padrão variável, enriquece o livro), conjugada com de figuras de estilo, como metáforas, imagens e significados que captam a realidade dos acontecimentos (as estações) e das pessoas, remetendo-as para o universo da emoção, dos sentimentos e da criatividade. Ao nível técnico-compositivo subsiste uma articulação entre forma e conteúdo, concretizada em jogos de palavras, apartes da oralidade, perguntas, monólogos (imaginados e imaginários), diálogos e interpelações (diretas e indiretas) ao leitor (ex: “Morangos”), além de versos conclusivos de configuração conotativa especial (ex: “Cerejas”).

Acresce ao texto poético uma ilustração igualmente poética, numa simbiose entre o traço a negro e a cor, com detalhes verdadeiramente surpreendentes e inesperados, suscetíveis de “conduzir” o leitor a outros patamares de entendimento e de reflexão.

Um excelente livro de poemas para todas as estações!

Manuela Leitão & Catarina Correia Marques (2018). *Poemas para as Quatro Estações*. 2.ª edição. Lisboa: Máquina de Voar.



## NO FUNDO DO LAGO

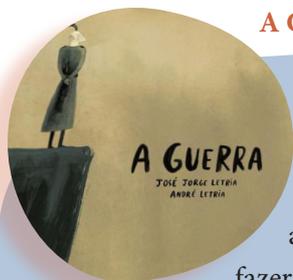
Imaginar, e nesse âmbito, ver e fazer, coisas novas pode ajudar-nos a ver com olhos novos as coisas banais do dia a dia pode ser uma legenda para este livro.

Ernesto, o protagonista desta aventura, decide explorar as profundezas do lago que existe perto de sua casa. Depressa conclui que o seu lago não tem fundo, o que lhe parece uma coisa fantástica. Por isso, com o seu cão, mergulha “até que, por fim, veio à tona do outro lado do lago, contactando cum mundo novo, diverso e fantástico. Quando regressa ao “seu” mundo, descobre «que o mundo já não era como o tinha deixado. A sua casa parecia um pouco mais pequena (...). E a sua cidade parecia um pouco menos banal.»

Assim mesmo, descobrir e explorar mundos novos (palavras, conceitos, ideias, experiências, agradáveis e bizarras) constitui uma forma de transformar a nossa mundividência. A ilustração harmoniza-se com o texto, oferecendo diferentes perspetivas de leitura: de baixo para cima, de cima para baixo, sem dispensar os grandes planos de página dupla. Os tons de azul e os suaves e pálidos verdes sugerem a viagem aquática encetada ou a uma exploração da natureza. A presença do cão em todas as duplas páginas aporta uma possível mais valia de significa a que o texto apenas alude.

Uma magnífica parábola sobre a importância da descoberta, exploração e interação com o que é novo e diferente. Uma bela chamada de atenção para “o que há para lá de tudo”.

Joseph Kuefler (2018). *No fundo do lago*. Lisboa: Bizâncio.



## A GUERRA

Composto por 17 frases, a modo de aforismo ou sentença, distribuídas ao longo de 64 páginas ilustradas, este livro versa o tema da guerra de forma expressiva e surpreendente. A combinação entre texto e ilustração (funcionando como um todo magnífico, nas palavras júri do White Ravens 2018) sugere, simultaneamente, um olhar sobre acontecimentos bélicos passados e um olhar esperançosamente crítico, com o intuito de nos fazer compreender o que poderia ter sido diferente e que lições podemos tirar dela para evitar sua repetição.

A narrativa (textual e imagética) apresenta a história como dinâmica aberta, contra a mera informação e o historicismo, numa assumida intencionalidade de não ignorar a “história da guerra”, porque esta «nunca foi capaz de contar histórias» e «A Guerra é silêncio», como se diz na derradeira sentença, síntese de toda a narrativa.

Ao leitor mais desatento ou distanciado da literatura que tem como destinatário preferencial as crianças e os jovens, este livro pode parecer desadequado ou, no mínimo, excessivo. A verdade é que reclama demorada atenção ao texto e às cores retidas por traços, combinações que suscitam a imaginação e a sensibilidade, oferecendo ao leitor novas possibilidades de reflexão e de fruição estética.

Este livro, se bem explorado pedagogicamente, sem temores e aparentes dificuldades de leitura visual, pela abordagem pertinente que possibilita, pode ter um papel educativo fundamental, na medida em que apresenta, de forma engenhosa, um “retrato” da guerra que constituiu um vigoroso desafio à construção da paz.

José Jorge Letria & André Letria (2018). *A Guerra*. Lisboa: Pato Lógico.



## A MINHA BÍBLIA – A GRANDE HISTÓRIA EM LIVRO PEQUENO

Como não podia deixar de ser numa Bíblia para crianças, este livro apresenta “uma seleção de belas histórias ilustradas” do Antigo (49) e do Novo Testamento (39), numa linguagem simples, suscetível de ser compreendida pelos mais pequenos. Outra nota distintiva (e significativa) desta Bíblia é a brevidade dos relatos, o que é importante quando o público-alvo é um leitor inicial ou, ainda, quando as histórias quiserem ser lidas/contadas em ambiente familiar (ao deitar, por exemplo).

As ilustrações são figurativas e servem o propósito do livro, não se afastando nunca do conteúdo do texto. O formato pequeno, apesar das 282 páginas, é de agradável manejo.

Importa dizer que a Bíblia, além de uma biblioteca de livros religiosos, é também um testemunho de literatura (e cultura), sendo que, muitos dos seus relatos, são um património literário de qualidade inegável, produtor de (outras formas) de cultura.

Mesmo que não seja(s) crente, pode(s) ler este livro pequeno que apresenta histórias de uma «grande história»

Jesús López Pastor (2017). *A minha Bíblia – A grande História em livro pequeno*. Lisboa: Paulinas.

## DICAS DE ESCRITA

*Cada personagem “vive”  
a história à sua maneira.*

Propomos-te, de novo, que escrevas o desenvolvimento e a conclusão de uma história cuja introdução te apresentamos. Parece uma tarefa vulgar. Mas, desta vez, não é tanto assim, porque, embora possas, e devas!, recorrer à tua imaginação, não vais poder fazê-lo em total liberdade, como perceberás pelas orientações que te são dadas.

Lê, então, muito atentamente (e relê, se necessário):

### 1. A história começa assim:

A casa já tinha adormecido há horas. Luzes apagadas, silêncio instalado. Apenas o vento na ramagem das árvores, uma música de fundo que vinha do lado do jardim. O piar do mocho, de vez em quando.

Era a primeira noite em que ele/ela dormia com os pais e os avós na Casa da Fonte, a velha residência de família, agora restaurada e transformada em casa de turismo rural. Tinha ficado linda de morrer e, sobretudo, guardava promessas de aventura inesgotáveis: piscina natural, na represa do rio; quedas de água; rápidos para descer em canoa; trilhos para explorar... e toda a imaginação à solta a combinar com a exuberância da Natureza. Era, de facto, difícil adormecer, quando havia tanto em que pensar. Cansado(a) de dar voltas na cama, ele/ela ligou o candeeiro e resolveu fazer o “plano de atividades” para o dia seguinte. Pegou no mapa da quinta, que tinha pousado em cima da mesa de cabeceira e abriu-o em cima da cama. Entretanto, (...)

### 2. E o herói, quem será?

A decisão será tua: substitui o pronome ele/ela, que destacámos no texto, pelo nome de uma (e apenas uma) das três personagens que te apresentamos a seguir e, assim, terás escolhido o protagonista da tua história.





- Renato, um rapaz muito calmo e ponderado. Pensa sempre antes de agir, por isso, nunca faz nada sem pesar todos os prós e todos os contras. Como é um leitor assíduo, tem um vocabulário rico e, segundo a opinião dos amigos, está sempre a “falar caro”. Diz que são os livros que o ajudam a pensar e a resolver situações complicadas e gosta de citar os seus heróis favoritos, referindo-os como exemplo.



- Sara, uma miúda traquina e imparável. Tem sempre resposta na ponta da língua e nada lhe causa embaraço. É destemida e aventureira, por isso se vê, muitas vezes, envolvida em situações complicadas. Gosta de resolver tudo sozinha e, geralmente, consegue sair-se bem das peripécias em que, não raras vezes, se envolve. É amiga do seu amigo e nunca negou ajuda a quem lha pediu.



- Vasco, um rapaz introvertido, muito metido consigo. Gosta de estar sozinho e sente-se fascinado pela Natureza. Como vive na aldeia, dá grandes passeios de bicicleta, com paragens para observar os pássaros, as árvores, os ribeiros... Adora animais, com exceção dos ratos, pelos quais sente uma repulsa incontável. Não faz nada sem consultar a mãe, para pedir ajuda ou opinião. Há quem lhe chame “menino da mamã”, mas isso pouco lhe importa.

#### **Nota muito importante:**

O comportamento das personagens deve ser coerente com o seu retrato psicológico, isto é, as personagens devem agir de acordo com a sua maneira de ser, os seus gostos e a sua maneira de ver e entender o mundo. Por isso, ao seleccionares o protagonista, estarás desde logo a condicionar o desenvolvimento da narrativa: terás de criar uma história compatível com a sua personalidade.

### **3. Haverá outras personagens?**

Também neste ponto a decisão será tua, mas lembra-te de que a introdução de personagens secundárias, humanas e/ou animais, pode tornar a história mais aliciante, dando-lhe outro ritmo e outro “colorido”.

#### **Desafio para quem gosta muito, mesmo muito, de escrever:**

Imagina e escreve uma história protagonizada por cada uma das personagens acima descritas, partindo sempre da mesma situação inicial. Deverás, então, chegar ao seguinte resultado: três narrativas com o mesmo ponto de partida, mas que se desenrolam de maneira diferente, de acordo com o retrato psicológico dos respetivos heróis. Depois de terminares o teu trabalho de escrita, organiza com os teus amigos um pequeno grupo de leitura para que, em conjunto, possam ler e comentar as histórias que criaste.

# A PALAVRA É TUA!

## Pequenos grandes escritores

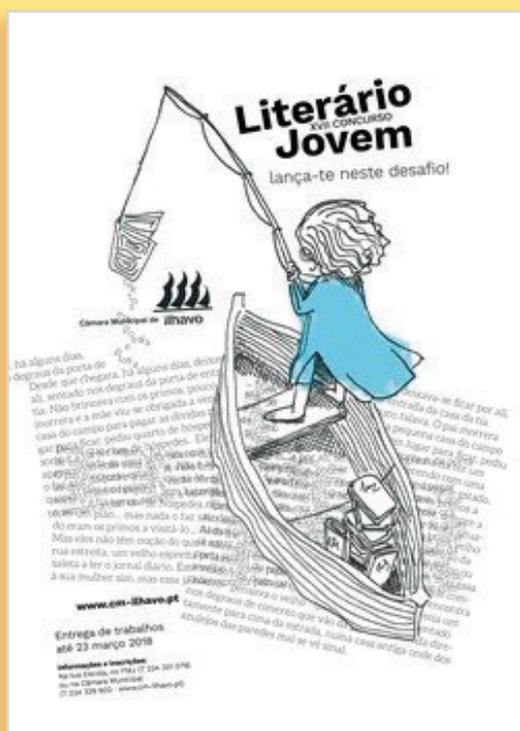
Nesta rubrica, damos vez e voz aos pequenos grandes escritores.

Nest' *A Casa do João* concluímos a publicação dos trabalhos vencedores da edição de 2018 do *Concurso Literário Jovem do Município de Ílhavo* na modalidade de prosa (só o 1.º lugar).

Parabéns aos vencedores!



## CONCURSO LITERÁRIO JOVEM DO MUNICÍPIO DE ÍLHAVO (parte3)



Com o objetivo de fomentar hábitos de leitura nas camadas jovens, criar e/ou consolidar hábitos de escrita, promover a escrita e valorizar a expressão literária, a Câmara Municipal de Ílhavo lançou em 2002 a primeira edição do Concurso Literário Jovem, que desde a primeira hora despertou a atenção e o interesse dos mais jovens.

Destina-se aos Jovens do Ensino Básico do 1.º, 2.º e 3.º Ciclos, assim como do Ensino Secundário, podendo participar Alunos de qualquer estabelecimento de ensino, público ou privado do Município de Ílhavo, até ao 12.º ano de escolaridade. O Concurso divide-se em duas modalidades: prosa e poesia.

## “RUBÍDIO QUÊ, QUER SER O QUÊ?”

Rubídio Quê tem dez anos. É um menino, como todos os meninos de 10 anos. É um menino de olhos grandes, de pestanas compridas, de cabelo ruivo encaracolado, sardas e um sorriso do mais amável possível estampado nos lábios e muito mas muito sonhador.

Tinha quatro irmãos, sendo ele o irmão do meio. Nióbio e Tecnécio eram os irmãos mais velhos...adoravam tecnologias, tudo muito futurista...Faltam ainda as irmãs gémeas Prata e Telúria, duas reguilas de 4 anos, que adoravam brincar com o dragão de Rubídio...mas o quê?...esqueci-me de vos apresentar o animal de estimação de Rubídio...era um dragão, de nome Pimpãogénio ...de cor laranja e de escamas bem duras. Quando voava e a luz do sol refletia nas escamas, estas ficavam da cor do fogo, com um brilho muito especial. Tanto era assim, que Rubídio necessitava de óculos de aviador bem escuros, pois o brilho por vezes ficava demasiado intenso, quando voava, montado no seu dorso.

O seu pai Dr. Ruténio, era alto e esguio, de óculos de hastes escuras, colocados sempre na ponta do nariz, de cabelo escuro encaracolado e olhos verde-água. Era reconhecido no mundo da medicina, por tratamentos alternativos associados à tecnologia.

Sua mãe, Dona Itria, ou Di, como docilmente lhe chamavam os filhos mais velhos na brincadeira, era uma senhora muito doce, transbordava paciência e era quem tinha a ciência em toda a sua maneira de ser, para colocar todos em casa na devida orientação. D. Itria era licenciada em História, e muito embora esta estória seja passada em 3018, D. Itria ainda fazia muitas coisas de forma manual. Sim, sim, leram bem, m-a-n-u-a-l, tal como cozinhar, por exemplo. Porque cozinhar, segunda as suas palavras, é um ato de amor, pelo menos era assim que ela pensava e era assim que ela transmitia à sua família.

Por fim, mas não por último temos o avô de Rubídio, avô cientista Dr. Estrôncio, reconhecido na esfera das viagens inter-temporais e inter-espaciais. Explico melhor, as inter-temporais, permitiam a cada habitante do planeta realizar viagens da dimensão do tempo, mas com a condição de nunca corromper o que havia sido registado no passado, para não comprometer o presente. Este tipo de viagens acontecia para Rubídio e irmãos entre uma a duas vezes por mês, na aula de História. Já imaginam, VER História, ao vivo e a cores? Depois temos as viagens inter-espaciais, o que significa, nada de carros, nada de transportes públicos. A deslocação faz-se via a introdução das respetivas coordenadas geográficas (convém não errar) no relógio e lá vamos nós.

Rubídio Quê morava na Rua Rubor, n.º5, na pacata vila Baltae, um lugar muito pitoresco, com o melhor de dois mundos, floresta de um lado e praia do outro. Um lugar perfeito... onde Rubídio adorava estar e brincar e ajudar a mãe. Mas Rubídio andava descontente, sentia-se meio perdido...estava na altura de decidir o que queria fazer na vida, e estava difícil de perceber. O pai incitava-o a seguir uma carreira como a dele, ou a do avô, e por isso, acabava por ir muitas vezes com o pai para o trabalho, e outras com o avô e adorava, mas isso...isso não o satisfazia por completo. Queria algo mais, o quê, é que estava difícil de descobrir.

De férias, nas experiências com o avô, resolveram ambos fazer uma viagem até 2018, mais propriamente a 03 de março de 2018. Escolheram a data ao acaso

e sem nenhum destino em particular em mente. Onde foram parar, deixou-os deslumbrados...ao avô, porque já não se recordava daquele doce cheirinho, pelo menos não daquela forma e ao Rubídio porque ficou encantado com os trabalhos que viu. Desculpem, deixei-me levar, ainda não expliquei onde foram eles parar, foram para a um festival de Pão e Chocolate. Rubídio viu e reviu a mãe em todos aqueles mestres de Pão e Chocolate, e sentiu-se em casa e confortado. Experimentaram um pouco de tudo e Rubídio foi inclusive convidado a participar numa das atividades. Mas envergonhado como estava, levou o avô a reboque, e lá estiveram os dois, horas a fio a trabalhar o chocolate e a prepararem o pão...ficaram cheios de farinha, de chocolate, mas que importa? Foi uma delícia o tempo que por lá ficaram os dois juntos. Entretanto já se fazia tarde, era hora de voltar para casa, uns toques no relógio e lá regressaram cansados, mais muito felizes.

Rubídio aninhou-se no sofá e adormeceu.

— Rubídio?...Rubídio?... – chamou D. Itria, docemente.

— Sim?...hã...Mãe? – respondeu Rubídio muito ensonado.

— Sim Rubídio, sou eu, a mãe...está na hora de jantar. Vamos? Estamos todos à tua espera. Dormiste demais hoje, não? Foi uma soneca e tanto!

— Dormi? Eu?...Não, fui com o avô fazer uma viagem até a uma festival de Pão e Chocolate e depois fiquei aqui no sofá e adormeci!

— Mas...o quê?...não Rubídio. Meu querido, isso vamos nós todos na nossa carrinha pão de forma amarela, ao Festival do Pão e Chocolate amanhã... Tu hoje não saíste de casa. Ficaste comigo por estares meio constipado.

— Oh, desculpa mãe...devo ter sonhado...mas posso dizer-te que foi um ótimo sonho e provavelmente já tenho uma decisão, ainda que possa parecer um pouco cedo, para aquilo que quero ser quando for grande!

— Muito bem, e isso é o quê?

— Acho que vou querer ser Mestre Padeiro-Chocolateiro! O que achas?

— Acho que se isso te faz feliz, então deve ser esse o teu caminho a seguir.

Estaremos cá para te acompanhar e ajudar! Sempre! Anda, agora vamos jantar e tenho uma surpresa para ti!

— A sério?! O quê mãe?

— O teu avô ajudou-me a fazer pão recheado de chocolate!! Que achas???

— Acho que tenho uma família fantástica!

**Lara Ferreira**

(4.º Ano)

## “SEDE DE ESPERANÇA”

A água escorria-lhe pelo rosto, inundava-o até ao mais profundo dos seus pensamentos e molhava-lhe a pele queimada pelo sol, enrugada, velha. No olhar, a falta de esperança de um homem, outrora bem-parecido, atualmente de aspeto assustador que havia sido abandonado pelos seus. Chovia intensamente, como nunca tinha visto. A chuva tocavalhe os tornozelos magros, fazendo-o sentir arrepios até à espinha.

Parado no meio do passeio, pensava em nada, ou em tudo, nem ele sabia bem. Como era possível ter chegado àquele ponto? Queria água, precisava apenas de um pouco de água. Bem, se viesse carregada de esperança seria perfeito! As pessoas pas-

savam por ele, “atropelavam-no” atarefadas nas suas compras, umas a aproveitar os saldos, outras a escolher a toilette para a passagem de ano, algumas a ver apenas as novidades nas apelativas montras da avenida. Na verdade não importava, eram apenas vidas paralelas que não se cruzariam com a dele nem tinham qualquer interesse em fazê-lo. Eram vidas perfeitas: elegantes e bonitas senhoras cujos maridos, empresários de sucesso, estavam em casa à espera, com o jantar já preparado pela senhora-a-dias que “as ajudava a manter a casa em ordem”, os filhos prontos para as besuntarem de beijos suculentos, as mães com a roupa passada “apenas por simpatia”, mesmo após um “Não é preciso, mamã!”. Mas era, tudo era preciso porque o fado já traçado ordenava que assim fosse e, como tal, tinha mesmo que ser. Ele já não procurava qualquer um desses luxos, só queria água, apenas alguma água para beber com um pouco de esperança.

Bem, ainda não o apresentei. Peço desculpa, erro meu. Chamava-se... Acho que não sei o seu nome. Também não importa, na verdade é apenas mais uma cara anónima, como tantas outras que andam por aí. Vivia na rua, numa qualquer rua, com um dos tantos cobertores que ia encontrando à beira do lixo, mas que depressa desapareciam, roubados por um cão ou um qualquer delinquente.

Continuava a chover, muito. Mas ele permanecia, estático, no mesmo lugar. Uma onda de saudade inundou os seus pensamentos. Saudades daquela que, havia tempos, achara ter sido a sua família, no verdadeiro sentido da palavra. Uma família na qual abundava (supostamente) o amor, mas que, no fim das contas, o abandonara “assim que recebera os bens de um familiar distante que não tinha herdeiros e, por isso, lhes deixou casas, terrenos e muito dinheiro”. Semanalmente, via-os no jornal, ou porque inauguravam um novo hotel, ou porque tinham estado presentes numa festa de um qualquer milionário,...

Se por um lado, no fundo do seu doce coração, ficava feliz por saber que estavam bem, por outro lado entristecia-o perceber que nunca tinha sido verdadeiramente amado. Mas não lhes pedia ajuda, até porque só precisava que alguém lhe desse um pouco de água, com um leve aroma de esperança.

Foi chamado à realidade por um encontrão mais forte dado por alguém que passava e que, após o impacto, deixou cair os sacos das compras, provocando o estrago de todos os produtos. E chovia tanto! Pobre senhora, não estava numa maré de sorte embora, a avaliar pela carteira Louis Vuitton e pelos sapatos Michael Kors, cuidadosamente combinados com o vestido chique assinado por um conceituado estilista francês, a perda não devesse causar um grande problema. Regressaria à loja e, aborrecida, realizaria novamente as suas compras. Ainda assim, decidiu-se a ajudá-la. Não correu tão bem como esperado, a senhora chique olhou-o de lado e reclamou “Faça o favor de se ausentar! Já não posso andar descansada na rua, estou sempre sujeita a cruzar-me com isto. Não tem vergonha? O que as dependências fazem aos homens...”.

Apeteceu-lhe gritar. Sim! Estava dependente de água com um travo de esperança. Não conseguiu... As palavras não lhe saíam da boca, nada conseguia dizer, tudo era silêncio.

Desolado por não ter oportunidade de mostrar a ninguém a sua verdadeira essência, o quão divertido e simpático conseguia ser, encostou-se à entrada do prédio da esquina, embrulhado em si mesmo na posição fetal, tão pequenino como quando havia nascido.

Só queria, precisava urgentemente, de um pouco de água. Adormeceu. Uma lágrima caiu vagarosamente do canto dos olhos cor de avelã. Não acordou. Já não precisava nem de água, nem de esperança, nem de nada. Nunca mais!

**Catarina Oliveira**  
(10.º Ano)

## AVISO AOS ADULTOS

*A poesia é divertida.  
Não estraguem isso.*

*Não obriguem as crianças a ler poesia como trabalho de casa.  
Correm o risco de ser fulminados pelo raio da morte.*

*Os poemas são pensados para ter palavras rudes  
porque são literatura e é assim que vadiam até ti.*

*Não perguntem às crianças o que a poesia as faz sentir.  
Esta é uma pergunta estúpida.*

*Não tentem analisar os poemas:  
eles podem auto-detonar-se.*

*Se não conseguirem captar o sentido de um poema,  
o problema está em vocês.*

*Os poemas não foram pensados  
para serem escritos com sentenças gramaticais ou com pontuação correcta.*

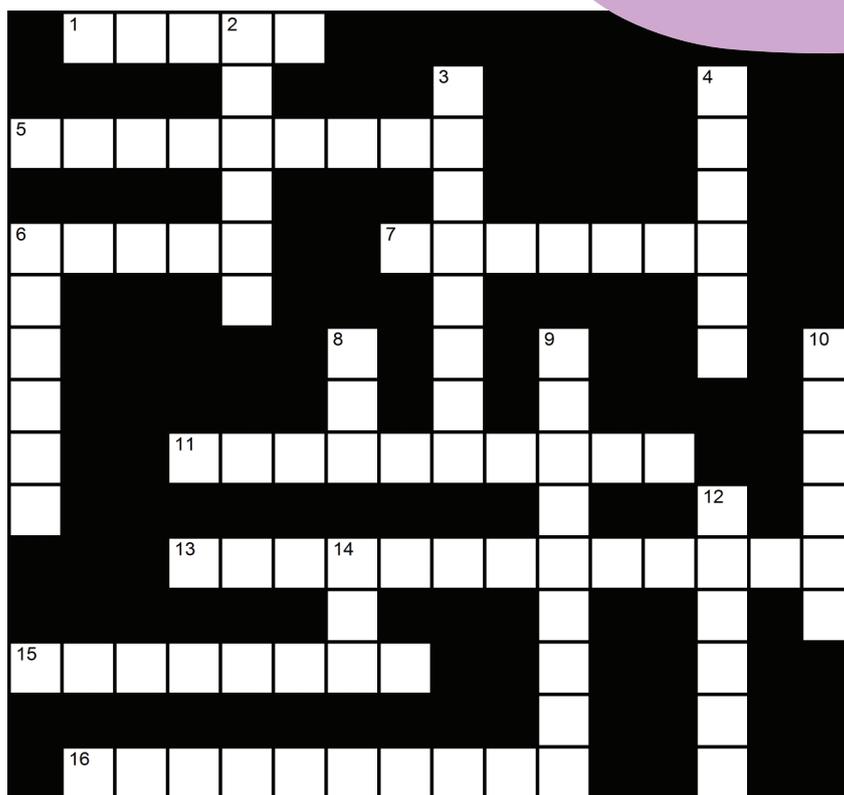
*Não digam às crianças que deixem de sonhar acordados.  
Os poemas nascem desses sonhos.*

*Nunca obriguem as crianças a copiar um poema.  
Isso é estragá-lo.*

*Não façam as crianças ler infantilmente poemas em voz alta diante de toda a turma.  
Se o fizerem, podem ser raptados por aliens e levados para Alpha Centauri  
e forçados a fazer trabalhos de casa durante cem anos.*

*Enviado pela Autoridade Galáctica e ditado por telepatia a Ken Follett que o escreveu sem o assinar de cruz.*

(Tradução (muito) livre de JMR)



### Horizontais

1. (...) no Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, onde viviam as três grandes famílias de morcegos: os Morcegos Lanudos, os Morcegos de Ferradura Grande e os Morcegos de Franja.
5. O mais ilustre e respeitado de todos os morcegos daquela comunidade.
6. País onde o morcego significa sorte, saúde, riqueza, vida longa e tranquilidade.
7. Onde viveu o Ferradura antes de morar na gruta.
11. Instalada no palácio, tinha mais de trinta mil livros e foi onde o morcego Ferradura foi buscar tanta sabedoria.
13. O que o Franjinhas sonhava ser depois de ouvir a história do velho Ferradura.
15. Paulo (...), ilustrador do livro “O Morcego Bibliotecário”.
16. O morcego que decidiu mudar de vida, trocando a serra e a sua gruta por um palácio que nem conhecia.

### Verticais

2. O que os morcegos comem nas bibliotecas protegendo dessa forma os livros.
3. Sinónimo de arrepio (o que o morcego Franjinhas sentiu quando deu pelo falcão que o seguia).
4. (...) oca, onde o Franjinhas brincava às escondidas com o Lanudo e que lhe serviu para escapar ao falcão.
6. (...) Zita Ferreira, autora do livro “O Morcego Bibliotecário”.
8. Para onde rumou o Franjinhas numa viagem que não foi fácil, “sempre com receio de que aparecessem bufos, mochos ou corujas que o pudessem atacar”.
9. Número de traças que o Franjinhas deverou em poucas horas na sua primeira noite na biblioteca (“Quando terminou saiu pela fenda principal para sorver o pólen das flores da floresta que rodeia o palácio”).
10. “Não há nada como voar atrás dos nossos (...)!”; o que o Franjinhas pensou depois da sua primeira noite de trabalho na biblioteca.
12. (...) Por Uma Linha, editora do livro “O Morcego Bibliotecário”.
14. Para quem gosta de livros, é um prazer.

Soluções

**Horizontais:** 1. Gruta, 5. Ferradura, 6. China, 7. Palácio, 11. Biblioteca, 13. Bibliotecário, 15. Galindro, 16. Franjinhas.  
**Verticais:** 2. Traças, 3. Calafrio, 4. Árvore, 6. Carmen, 8. Sul, 9. Trezentas, 10. Sonhos, 12. Trinta, 14. Ler.

Paulo Freixinho

# DIVERTIR-SE... COM LETRAS

Podes escrever poesia jogando com a forma e/ou o sentido das letras.  
Alguns exemplos...

## PPP

Pescador de palavras  
pesco a pedra e o pássaro;  
Pescador de palavras  
pesco o pássaro e o pífaro;  
Pescador de palavras  
pesco o pífaro e o peixe.

E com palavras parto,  
com palavras fico.  
Com palavras peço.  
Com palavras peço.  
Com palavras grito.  
Com palavras acabo  
e recomeço.

Pescador de palavras  
pesco o poema:  
pífaro de paz  
e pedra de arremesso.

José Carlos de Vasconcelos (2010).  
*Arco, Barco, Berço, Verso*. Lisboa: Gradiva.

## A LETRA Q

Estou sempre muito longe.  
Dizem qualquer coisa e eu pergunto  
- Quê?  
Pergunto sempre:  
- Quê?  
Não sei porquê  
O meu anigo V  
Zanga-se e diz:  
- És surdo ou quê?  
E eu respondo sinceramente:  
- Sou quê.

Mário Castrim (2012)  
*Estas são as letras*. Lisboa: Caminho.

Agora eu...

Escrever listas de coisas banais, aparentemente fúteis: coisas elegantes e deselegantes; coisas que divertem e coisas que enfurecem; coisas que fazem crescer água na boca e coisas que enjoam; coisas a que apetece deitar a mão e coisas a desprezar; lugares de que se gosta e lugares de que se não gosta; aquilo que se sabe ou que se queria saber; palavras luxuosas e palavras vulgares, palavras duras e palavras doces e... construir um poema usando essas palavras.

Um exemplo...

## INVENTÁRIO

Um dente d'ouro a rir dos panfletos

Um marido afinal ignorante

Dois corvos mesmo muito pretos

Um polícia que diz que garante

A costureira muito desgraçada

Uma máquina infernal de fazer fumo

Um professor que não sabe quase nada

Um colossalmente bom aluno

Um revolver já desiludido

Uma criança doida de alegria

Um imenso tempo perdido

Um adepto da simetria

Um conde que cora ao ser condecorado

Um homem que ri de tristeza

Um amante perdido encontrado

Um gafanhoto chamado surpresa

O desertor cantando no coreto

Um malandrão que vem pe-ante-pé

Um senhor vestidíssimo de preto

Um organista que perde a fé

Um sujeito enganando os amorosos

Um cachimbo cantando a marselhesa

Dois detidos de fato perigosos

Um instantinho de beleza

Um octogenário divertido

Um menino colecionando estampas

Um congressista que diz Eu não prossigo

Uma velha que morre a páginas tantas

Agora eu...

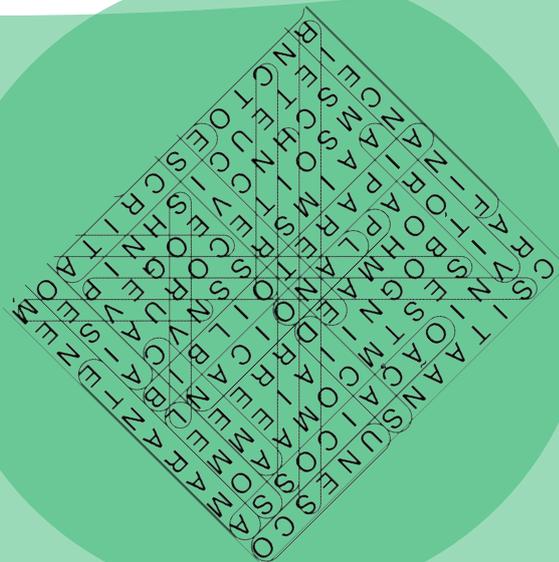
# SOPA DE LETRAS

## TEMAS DESTA REVISTA

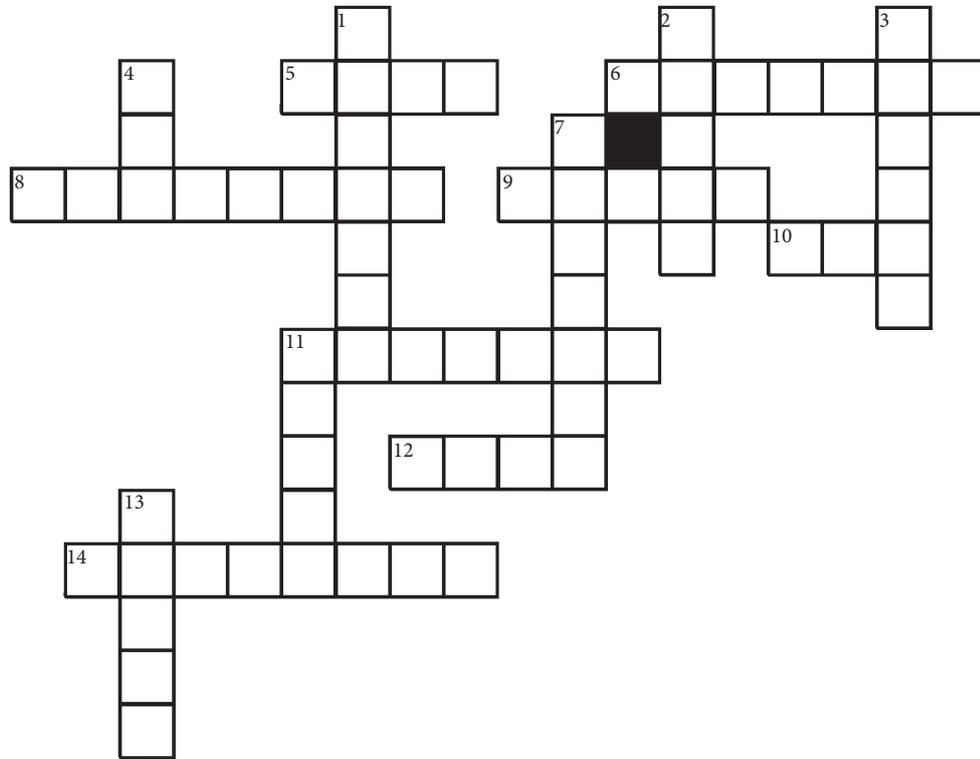
C	S	I	T	A	A	N	S	U	N	E	S	C	O
R	V	N	I	O	Ã	Ç	A	I	C	O	S	S	A
A	I	S	E	S	T	M	C	O	M	A	A	O	M
F	T	B	O	G	N	I	I	A	I	E	M	M	A
I	Ó	O	H	M	A	E	D	R	R	E	E	E	R
N	R	A	P	L	A	N	O	I	C	A	N	L	A
A	I	P	A	R	E	T	O	I	L	B	I	B	N
N	A	A	I	M	S	R	S	S	N	V	C	A	T
C	M	S	O	I	T	E	C	O	R	U	A	I	E
E	S	C	H	N	C	V	E	O	G	E	V	S	N
I	E	T	E	U	C	I	S	H	N	I	P	E	E
R	N	C	T	O	E	S	C	R	I	T	A	O	M
A	I	C	A	R	E	T	I	L	M	E	O	P	Ó
C	O	R	I	O	C	A	D	E	R	N	O	S	A

ASSOCIAÇÃO  
 NUVEM  
 VITÓRIA  
 PLANO  
 NACIONAL  
 CINEMA  
 CADERNOS  
 LITERACIA  
 FINANCEIRA  
 CENTRO  
 UNESCO  
 AMARANTE  
 DICAS  
 ESCRITA  
 PERSONAGENS  
 LEMOS  
 GOSTAMOS  
 RECOMENDAMOS  
 ENTREVISTA  
 BIBLIOTERAPIA  
 LIVROS  
 HISTORIAS  
 POESIA  
 CONTOS

Soluções



PROVÉRBIOS



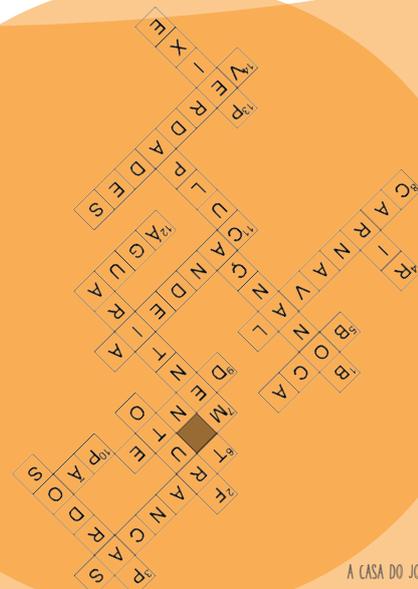
**Horizontal**

- 5. Quem a usa vai a Roma
- 6. depois da casa roubada, põe-se à porta
- 8. Nesta festa ninguém leva a mal
- 9. A cavalo dado, não se arreganha
- 10. Casa onde não existe todos ralham e ninguém tem razão
- 11. À frente alumia duas vezes
- 12. Em pedra dura, tanto bate até que fura
- 14. Descubrem-se quando se zangam as comadres

**Vertical**

- 1. O que vem depois da tempestade
- 2. O proibido é mais apetecido
- 3. De noite todos os gatos são assim
- 4. O último é quem faz melhor
- 7. Não é coxa, mas tem perna curta
- 11. Morre sempre solteira
- 13. Não é burro e não puxa carroça

Soluções



# PARTICIPA NISTO!

para  
escolas

*Envia-nos os teus poemas ou contos e ganha livros!*

Se gostas de escrever e frequentas o Ensino Básico ou Secundário, envia-nos um texto teu para o publicarmos aqui, em *A Casa do João*.

Pode ser um relato breve (um conto) ou um poema.

De entre todos os textos recebidos publicaremos os melhores...

Participar é muito simples!  
Basta enviar o texto para [acasadojoao2017@gmail.com](mailto:acasadojoao2017@gmail.com)

Juntamente com o texto tens de enviar uma pequena biografia com três ou quatro linhas, e (se quiseres) uma fotografia atual.

#### **Regras de participação:**

1. Os textos (conto ou poema) têm de ser individuais (não de grupo).
2. Os trabalhos devem ser enviados para [acasadojoao2017@gmail.com](mailto:acasadojoao2017@gmail.com) - até ao dia 10 de março de 2019
3. O envio dos trabalhos pressupõe a autorização de publicação dos mesmos na revista.
4. Os vencedores só serão conhecidos aquando da publicação do número seguinte da revista.
5. Os prémios a atribuir aos vencedores são livros.

PARTICIPA!

EXTRA!

EXTRA!

SAIU NA IMPRENSA

PALAVRAS DE BOLSO



EM ESPANHOL

João Manuel Ribeiro adicionou una foto nova.  
1 de outubro · G

Para construir un mundo e un futuro mellor para que os nosos fillos e netos poidan disfrutar dos moitos praceres que proceden da natureza, como un paseo polo bosque ou un anoitecer na praia, é fundamental que tanto adultos coma nenos desenvolvamos certa sensibilidade cara ao tema da ecoloxía. Precisamente isto é o que pretendeu o poeta, escritor e profesor portugués João Manuel Ribeiro (1968) cando no 2012 publicou a obra titulada O Señor Pésimo é o Máximo, baixo o selo editorial Trinta por una linha con ilustracións de Anabela Dias, unha historia que, dez anos despois, desencadéase a partir do desastre producido, na costa galega, polo afundimento do Prestige para sensibilizarnos cara ao futuro.

Tras cinco anos, e coincidindo co décimo quinto aniversario da catástrofe, a pequena novela foi traducida ao galego con mimo e profesionalidade por Ánxela

AMADEO SOUZA-CARDOSO

João Manuel Ribeiro  
25 de outubro · G

No día do centenario da morte de Amadeo de Souza-Cardoso, é unha honra ser autor de un dos cinco libros recomendamos pola Bertrand sobre o genial pintor. Um livro especial que escribi con particular prazér!  
<https://bertrandtsomoslivros.blog/.../centenario-da-morte-d-.../>

**5 LIVROS SOBRE AMADEO DE SOUZA-CARDOSO**

35 gostos · 10 partilhas

João Manuel Ribeiro adicionou una foto nova.  
1 de outubro · G

Da man de Hércules de Edicións, chega a nós, traducida por Ánxela Rodríguez (Castroverde, 1968), máis coñecida polo seu pseudónimo artístico Ánxela Gracián, a obra do recoñecido poeta, editor, investigador e escritor portugués João Manuel Ribeiro (Oliveira de Azeméis, 1968). A Casa Grande, ilustrada por Ricardo Rodrigues, onde como o seu propio subtítulo indica é

ENCONTRO COM JMR

**25 OUTUBRO**  
SANTIAGO DO CACÉM  
**VIVER (COM) A ESCRITA**

apoiado por:

**ENCONTRO COM O ESCRITOR JOÃO MANUEL RIBEIRO, COM MODERAÇÃO DE JOÃO MORALES**

Esta iniciativa pretende colocar o escritor João Manuel Ribeiro em diálogo com o seu público, adequando os temas e a forma como o seu traballo é presentado à audiência em questão. Falaremos dele, com ele, dos seus trabalhos e

BOBLIOPAZOS

MÁRTES, 25 DE SETEMBRO DE 2014  
O SEÑOR PÉSIMO É O MÁXIMO

**NOVIDADE DE LECTURA**

O SEÑOR PÉSIMO É O MÁXIMO  
Autor: João Manuel Ribeiro  
Ilustracións: Bolota  
Edita: Hércules de Edicións

Colección: Novas lecturas de Hércules

Xénero: Literatura Infantil en Galego - Narrativa

Idade recomendada: +9 anos.

MÉRCORES, 24 DE SETEMBRO DE 2014  
A CASA GRANDE

**NOVIDADE DE LECTURA**

A CASA GRANDE  
Autor: João Manuel Ribeiro  
Ilustrador: Ricardo Rodrigues  
Edita: Hércules de Edicións

Colección: Novas lecturas de Hércules

Xénero: Literatura Infantil en Galego - Ética

Idade recomendada: +6 anos.

Un día, un home tivo o soño de construír una Casa Grande, sen portas nin ventás, onde puidesen vivir os homes e as mulleres de todas as *linguas, cores, razas, relixións* e latitudes.

# NOTÍCIAS DA CASA

## “MEU AVÔ, REI DE COISA POUCA” EM ESLOVENO

É considerada uma das obras mais marcantes de João Manuel Ribeiro e está já disponível em quatro línguas: galego, espanhol, italiano e, agora, esloveno. Primeiro em Espanha, depois em Itália e agora o livro *Meu Avô, Rei de Coisa Pouca* acaba de ser editado na Eslovénia, pela Zalozba Malinc. Ambas as editoras, a italiana e a eslovena, adquiriram os direitos da obra. João Manuel Ribeiro tem vindo a somar várias edições estrangeiras, prova “do reconhecimento e o carinho do público”, revela o autor. João Manuel Ribeiro anunciou a novidade nas redes sociais e a reação dos leitores e seguidores não tardou: “Regozijo-me, João Manuel Ribeiro, pela tradução (em esloveno) do seu livro “Meu Avô Rei de Coisa Pouca”!... Felicitações e votos de múltiplos sucessos (nacionais e internacionais)!...”; “Parabéns! Gosto muito... Fico feliz por saber que chega a mais pessoas e a outras culturas!” e “Parabéns João! Vai ter tanto ou mais sucesso que a portuguesa!” – são alguns dos comentários feitos no perfil do escritor.

## A CASA DO JOÃO

Já seguem [www.acasadojoao.info](http://www.acasadojoao.info)?

Lá podem sentar-se na «Sala de Estar», ver os livros da «Estante», «Sair de Casa», passar pela «Escola», ler «Entrevistas», consultar o que sobre a revista dizem na «Imprensa» e conhecer alguns dos nossos «Convidados».

Vá lá! Passe por lá! E coloque o seu «Gosto» na página do Facebook: <https://www.facebook.com/acasadojoao.revista/>

## VIVER (COM) A ESCRITA

Viveram-se momentos emocionantes na Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca, com o escritor João Manuel Ribeiro. Em mais uma sessão do **Viver (Com) a Escrita**, iniciativa que leva a leitura e os livros a leitores de todas idades, no Município Santiago do Cacém, houve tempo para rir e até algumas lágrimas sentidas. A propósito da visita a Santiago do Cacém, a terra natal de Manuel da Fonseca, a Rádio Miróbriga transmitiu uma entrevista, moderada por João Morales, no sentido de sensibilizar os jovens leitores para o encontro. destinatários, os adolescentes.

## PALAVRAS DE BOLSO – UMA INICIATIVA PROL – ANTENA2

Um novo programa na Antena 2, por Ana Isabel Gonçalves e Paula Pina. São curtas rubricas de cinco minutos, que passam em antena, quatro vezes por dia, todos os dias úteis. 2.ª a 6.ª feira 8h55 | 12h55 | 15h55 | 18h55

Curto, claro e conciso? Não, curto e, claro, sem siso!

Sem siso como os meus poemas ‘A Menina Lufa-lufa’, ‘A Senhora Lambisgóia’ e ‘Dona Como-Não-Quer-a-Coisa’, do livro «Reis & Reinetes, Damas & Valetes».

Ouçã os poemas em <https://www.rtp.pt/play/p2851/e348722/palavras-de-bolso>

## 100 ANOS DA MORTE DE AMADEO

O livro *Amadeo de Souza-Cardoso: tenho mais fases que a lua* introduz-nos no mundo e na vida de um dos mais importantes pintores portugueses, um dos principais renovadores da linguagem artística portuguesa no século XX. Com texto de João Manuel Ribeiro e ilustrações de Vasco Gargalo, este livro, dirigido a um público juvenil, mas perfeitamente adequado a um público adulto, percorre a vida e as vivências daquele que muitos consideram o mais inovador artista plástico português, artista que conviveu, entre outros, com nomes tão importantes como Pablo Picasso ou Amedeo Modigliani.

## PRÉMIO LITERATURA INFANTOJUVENIL ILÍDIO SARDOEIRA

A Junta de Freguesia de Amarante (S. Gonçalo), Madalena, Cepelos e Gatão promove o Prémio de Literatura Infantojuvenil Ilídio Sardoeira destinado a autores com idade igual ou superior a 18 anos e a estudantes que frequentem o ensino secundário nas escolas do concelho de Amarante com idade compreendida entre os 15 e os 18 anos. Este Prémio de Literatura Infantojuvenil, que homenageia o notável amarantino Ilídio Sardoeira, compreenderá a modalidade de conto com temática livre que aborde um aspeto da atualidade.



FORMAR LEITORES

BIBLIOTERAPIA

NÃO QUERO SER GRANDE

UMA NUVEM DE HISTÓRIAS



BIBLIOTERAPIA

9 772184 123004 >



ISSN 2184-1233

PELO SONHO É QUE VAMOS

EDUCAÇÃO FINANCEIRA



United Nations  
Educational, Scientific and  
Cultural Organization

CCCI

Centro UNESCO de Amarante  
Amarante UNESCO Center